

Fábio Luís Pires Batista

ANGÚSTIA, CULPA E LIBERTAÇÃO
NA MUDANÇA DE CARREIRAS PROFISSIONAIS

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2010

Fábio Luís Pires Batista

ANGÚSTIA, CULPA E LIBERTAÇÃO
NA MUDANÇA DE CARREIRAS PROFISSIONAIS

Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para a graduação no
curso de Psicologia, sob orientação do Prof.
Dr. Fábio de Oliveira

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2010

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Aristóteles e Zuleika, por me amarem de forma autêntica, cultivando amor, respeito e confiança, e pela imensa ajuda na viabilização deste sonho.

À minha irmã Ana Luiza, pelo seu amor e amizade que sempre me impulsionaram. Ao meu irmão Luís Augusto, pela sensibilidade e pelo carinho de sempre.

Ao meu sobrinho-irmão, Gabriel, pela convivência diária nos últimos anos e pela amizade.

À Selma, pelas discussões sobre psicologia e educação, e pelo apoio.

Aos meus sobrinhos, Jonas, Renê, Paula, Tiago e Daniel, pelo carinho.

Aos meus amigos, Marcelo Ribeiro, Dú Moreira e Renata Define, pelas conversas esclarecedoras, pelas vivências inesquecíveis e por estarem sempre presentes.

Ao meu amigo Neto Zafalon pelo incentivo, pelas conversas estimulantes e pela velha e longa amizade.

Ao meu primo e amigo Altamir Batista pelo encorajamento e incentivo de sempre.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Fábio de Oliveira, pelas orientações precisas e pela maneira como promoveu a busca pelo meu melhor neste trabalho.

Às minhas parceiras de trabalho, Cláudia Lessa e Zilma Borges, pelo companheirismo e por ampliarem meu horizonte sobre Psicologia Organizacional.

À minha amiga Renata Miyagusku, pela revisão ortográfica e gramatical deste trabalho e pelo carinho e amizade.

Ao professor Nichan Dichtchekian, pelos esclarecimentos preciosos, pelo acolhimento e pelo estímulo ao estudo da Fenomenologia Existencial.

À profa. Dra. Maria da Conceição Uvaldo, da Universidade de São Paulo, pelas indicações e sugestões a respeito deste trabalho.

Ao professor Miguel Perosa, diretor da Fundação Aniela e Tadeusz Ginsberg, pela confiança depositada e por aceitar ser o parecerista deste trabalho.

Aos entrevistados, que gentilmente cederam seu tempo e forneceram uma contribuição essencial, no sentido de viabilizar esta pesquisa.

A todos os meus amigos da graduação em Psicologia, que foram fundamentais no meu percurso e que tanto me apoiaram.

Em especial, à Adriana, pelo seu amor sincero que tanto me mobiliza e confere sentido à minha existência.

Aluno: Fábio Luís Pires Batista, 2010
Orientador: Prof. Dr. Fábio de Oliveira
Trabalho: Angústia, Culpa e Libertação na Mudança de Carreiras Profissionais

RESUMO

O presente trabalho pretende estabelecer uma reflexão sobre os sentimentos de angústia, culpa e libertação que permeiam os processos de mudança de carreiras profissionais. Como o que aqui está em questão é um processo de mudança, o objetivo é o de desenvolver uma trajetória de compreensão desse fenômeno utilizando a visão da fenomenologia existencial. Como passo subsequente, foi realizada uma pesquisa com indivíduos de diferentes faixas etárias, que já passaram por esta experiência de mudança de profissão. A análise das entrevistas, em profundidade, seguindo a metodologia qualitativa, realizada numa perspectiva de desvelamento-revelação de sentidos, pode permitir apontar aspectos relevantes de suas vivências, contribuindo para as pessoas que atualmente estão questionando suas carreiras, na medida em que revelam os desafios, as dificuldades e a riqueza dos percursos realizados.

Palavras-chave: Angústia, culpa, mudança de carreira, fenomenologia existencial

SUMÁRIO

Introdução.....	6
A visão de homem da fenomenologia existencial.....	8
Uma compreensão fenomenológica-existencial sobre mudança de carreira	12
Aspectos Metodológicos	18
Considerações éticas	22
Análise e Discussão	23
Considerações finais	86
Referência bibliográfica.....	94

Introdução

O contexto atual traz questões recorrentes relacionadas às insatisfações profissionais. Conforme as atuações práticas se iniciam com o término da graduação, muitos jovens são imersos em uma realidade bem distinta da esfera acadêmica. O exercício profissional pode se tornar prazeroso quando há uma identificação com a atividade profissional em si, os objetivos a serem cumpridos são claros, o ambiente oferece condições adequadas e as pessoas estimulam e apóiam um desenvolvimento contínuo. Entretanto, uma grande questão é levantada quando não há uma identificação com a profissão, somente percebida no seu exercício prático. Nesse momento, torna-se necessário lançar uma luz sobre uma problemática anterior que diz respeito à real apropriação do curso escolhido na graduação. Um grupo de elementos pode ter interferido nesse processo de escolha, contribuindo para esse equívoco. As influências familiares sempre presentes, a idade prematura do jovem quando se vê obrigado a fazer uma escolha e a dinâmica da sociedade contemporânea, como sugere BAUMAN (2004), regida pela volatilidade e efemeridade, podem com segurança compor este grupo. As combinações de possibilidades que caracterizam uma escolha equivocada podem ser das mais diversas, mas a consequência do que está implicado neste processo é a vivência profissional de forma penosa e insatisfatória.

Tendo em vista a frustração imposta devido à insatisfação profissional, muitos indivíduos acabam cogitando a possibilidade de ingressarem em novas carreiras. No entanto, a entrega a essa nova experiência pode constituir um movimento árduo e muitas vezes vagaroso até que a completa convicção de iniciar essa caminhada seja estabelecida. As amarras à atual profissão, mesmo que distantes do prazer, podem estar, por exemplo, nas elevadas remunerações colaborando no desincentivo da mudança. Essas mudanças implicam novas escolhas, ou seja, na medida em que uma escolha é feita, surge uma ruptura com as demais opções. Essa ruptura significa a impossibilidade de satisfazer um desejo em função da renúncia às outras possibilidades. E, por mais que as pessoas imaginem a dimensão do sofrimento que lhe será imposto nesse processo, devido ao recomeço, elas não conseguirão, de fato, saber sua real dimensão. Será necessário se lançar nesse empreendimento para saber sobre sua verdadeira experiência. O imprevisto, incalculável e incontável, causa pavor ao ser humano em geral. Quando já existe uma vivência na atual profissão, retirar-se da zona de conforto, não é uma tarefa simples, pois mesmo que o indivíduo

não esteja satisfeito com sua situação atual, ele se encontra, muitas vezes envolvido pelo que o “protege” das inseguranças do mundo. A mudança estará circunscrita por angústia e culpa que parecem se impor com desproporcional intensidade ao longo do percurso.

Este projeto de pesquisa pretende fazer uma leitura das trajetórias profissionais dos indivíduos entrevistados a partir da visão de homem e de mundo da fenomenologia-existencial, fundamentalmente por meio do pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger. O objetivo é que, por meio da reflexão das falas das experiências realizadas pelos indivíduos entrevistados, estas possam, de alguma forma servir de subsídio para as pessoas que estão questionando suas carreiras profissionais nesse momento. Para isso, o projeto está organizado em diferentes capítulos que procuram contemplar, de forma encadeada, os pontos centrais dessa discussão. No primeiro capítulo, será realizado um exame sobre “A visão de homem da fenomenologia existencial”. No segundo capítulo, será proposta uma apreensão de “Uma compreensão fenomenológica-existencial sobre mudança de carreira”. Nesse capítulo será apropriadamente desenvolvida a dimensão ontológica dos sentimentos de angústia e culpa, assim como também estudado o homem na sua essência.

O próximo desdobramento do trabalho consiste em apresentar os fundamentos metodológicos utilizados na pesquisa, para em seguida adentrar na análise e discussão das entrevistas realizadas. Finalmente, o desfecho do trabalho visa retomar todo o caminho teórico desenvolvido para tecer considerações finais a respeito das vivências pesquisadas a partir da leitura da fenomenologia existencial.

A visão de homem da fenomenologia existencial

Nesse momento será válida uma breve exploração sobre a visão de homem na perspectiva da fenomenologia-existencial. É importante ressaltar que os conceitos aqui trabalhados referem-se essencialmente à obra “Ser e Tempo” de Martin Heidegger e de outros pensadores que compartilham de suas ideias como Medard Boss e Dulce Mára Critelli.

Como ponto de partida, é possível destacar uma grande contribuição da fenomenologia existencial, que é a distinção do homem dos demais entes (outros seres vivos e objetos em geral). Para explicitar essa diferenciação duas condições podem ser apontadas. Como primeira condição, o homem é o único ente que questiona sobre o seu Ser ou sua existência. Aliás, essa é uma grande questão que o acompanha ao longo do seu percurso, provocando inquietação e mistério. O ser humano, desde o seu nascimento, sabe que seu tempo é finito, ou seja, já nasce fadado a não mais existir e carrega essa marca por toda a sua trajetória. O Dasein¹, expressão originária de Heidegger, no que se refere às possibilidades de abertura para a experiência, rege, portanto, a sua existência a partir do seu não-ser ou não-mais-existir, e está inexoravelmente entrecortado pelo seu ser-para-a-morte. A percepção do homem sobre sua finitude pode ampliar sua visão sobre a vida, buscando intensivamente o sentido do seu Ser ou causa-lhe um estreitamento de suas vivências, sentindo-se premido ou aterrorizado por esse destino fatídico. Essa condição de ser-para-a-morte mobiliza a existência humana que passa a estar intensamente permeada por angústia e culpa.

A angústia humana, portanto, é um ataque lesivo à possibilidade de ser do Dasein, que diz respeito à possibilidade de sua extinção. É possível afirmar que a angústia coloca em questão a confrontação de o homem conseguir realizar todas as suas potencialidades e o risco de não conseguir realizá-las, caso deixe de existir. No próximo capítulo, será dedicada uma atenção especial aos fenômenos de angústia e culpa devido à importância de uma compreensão aprofundada em razão do foco da pesquisa, que pretende destacar o papel desses sentimentos num processo de mudança de carreira.

¹ Dasein é o homem compreendido como o ser-existindo-aí. Dasein é sempre uma possibilidade no qual se encontra como uma abertura para a experiência. Essa característica ficará cada vez mais evidente com a explicitação da estrutura do ser-no-mundo, sendo essa estrutura a constituição ontológica do Dasein. Ser-no-mundo, por sua vez, designa um fenômeno unitário que comporta uma pluralidade de momentos estruturais indissolavelmente ligados: o mundo, o ente que está no mundo e o ser-em.

Sobre a culpa originária no sentido existencial, trata-se de um ficar-a-dever e não possui relação direta com a culpa moral que habitualmente vem à tona em discussões cotidianas. Segundo Boss,

...de acordo com nossa percepção imediata, o ser humano se mostra como sendo aquele ser do qual o mundo como âmbito de claridade necessária para poder aparecer, para poder ser. Justamente é um deixar-se necessitar, é nada mais que o ser humano 'deve' àquilo que é há de ser. É por isso que todos os sentimentos de culpa baseiam-se num ficar-a-dever. Ficar-a-dever é a culpabilidade existencial do ser humano. (BOSS, 1977, p. 39)

A segunda condição fundamental da existência humana é que o homem constitui seus modos de Ser a partir de suas escolhas ou decisões. Mas para isso ele possui certa liberdade, o Dasein é essencialmente livre, pois cabe ao homem escolher e trilhar seus caminhos, decidindo até mesmo entre viver ou morrer. A liberdade que possui lhe assegura a incumbência de decidir sobre seu caminho. E essa decisão cabe única e exclusivamente ao próprio homem. Não é possível delegar essa atribuição a outra pessoa, o homem precisa ser responsável por decidir, sozinho, sobre seu modo de Ser. Portanto, fica claro que não há uma pré-determinação. Diferente dos animais que nascem destinados a serem eles mesmos, o homem nasce possibilidade.

Segundo Sodelli,

Na compreensão fenomenológica existencial o homem se torna Dasein unicamente na sua relação de ser-com-os-outros (humanos). Dasein é sempre uma possibilidade, na qual se encontra uma abertura para a experiência. O homem é o ser-existindo-aí (SODELLI, 2006, p. 69).

A expressão fenomenológica Ser-no-mundo pode ser pensada como um complexo de realizações, no qual a existência do homem ocorre por meio de um mundo de interesses, explorações, conquistas e frustrações. Ser-no-mundo implica numa visão de unidade do homem na relação com os outros entes (outros homens, animais e objetos), diz respeito ao Dasein junto ao mundo, essa ideia pretende afastar uma compreensão cartesiana, na qual ocorre a separação entre sujeito e objetos. Para Heidegger não existe um mundo anterior em que o homem foi inserido, nem o homem existe para depois criar um mundo. A existência do homem como "ser-no-mundo" consiste da vivência do ser humano, dando conta do seu Ser a partir das relações que estabelece, no seu "ser-em" (na sua relação com o mundo) (HEIDEGGER, 1993).

Conforme mencionado anteriormente, o homem nasce possibilidade, no entanto, ele não se encontra solto, a deriva no mundo. Devido à sua dimensão ontológica de abertura, o homem tem-que-ser todo o tempo algo, sendo mobilizado incessantemente por uma busca pelo sentido de sua existência. Para HEIDEGGER (1993, p. 208), “sentido é aquilo em que se sustenta a compreensibilidade de alguma coisa. Chamamos de sentido aquilo que pode articular-se na abertura da compreensão”. Essa busca de sentido é contínua e nunca cessa, pois o Ser do homem está sempre em jogo. E esse sentido que vai constituindo a composição arquitetônica do mundo de cada homem desenha e fornece contornos de forma a ocupar o lugar de vida, o trabalho, o seu fazer. É possível, assim, refletir que a força motriz que impulsiona o homem é a busca interminável pelo sentido da sua existência.

Outro ponto relevante a se destacar é a forma pela qual o Dasein se abre ao mundo, pela disposição afetiva ou pelos estados de humor. Sua maneira de estar em relação com os entes sempre ocorre intermediada pelo seu estado de humor, dessa forma uma determinada situação pode ser vivenciada como segura, interessante, apavorante, entediante, entre outras. A disposição afetiva do Dasein fornece a tonalidade de suas vivências, e também influencia no seu modo de compreender as coisas que passa a ser sempre atravessado pela emoção.

A respeito do modo de compreender do homem, HEIDEGGER (1993) enfatiza que esse se dá a partir da sua interação com os entes e sua conseqüente familiarização. Os entes passam a se tornar familiares por meio do seu uso, da sua serventia. Mas para haver essa familiarização, o homem coloniza o mundo. Nessa interação, ocorre a atribuição de significados tanto da relação com as coisas, como da relação das coisas. Nesse processo, acontece a compreensão que já traz, de maneira concomitante, a interpretação. Em última análise, compreensão e interpretação são estados existenciais do Dasein e são constituintes de sua forma de ser-no-mundo. Por essa razão, o ser das coisas está na forma como o homem as manuseia e no falar. Conforme aponta CRITELLI (1996), os significados não estão nas coisas, mas na compreensão do Dasein.

Na visão heideggeriana, o homem acaba sendo lançado num determinado contexto ou numa determinada cultura. E, a partir disso, passa a ter um jeito abrangente, porém contextualizado, de se relacionar com o mundo e de compreender. Quando se refere a esse estar lançado, Heidegger enfatiza a facticidade do homem.

Desde o momento em que foi lançado, começa sua incumbência de se responsabilizar por si próprio, a partir desse cenário concreto que encerra o homem numa historicidade.

Lançado à possibilidade de poder-ser, o homem se depara com a necessidade de dar conta do seu ser, da sua existência, e esta tarefa é de sua responsabilidade. Para isso, ele precisa “cuidar de ser”. Entretanto, a amplitude desse cuidar se situa no que os homens tomam para seus cuidados relacionados à existência, como o mundo, as coisas do mundo, os outros homens e a si mesmo. É o “cuidado” que torna significativas a vida e a existência humana.

De acordo com SODELLI (2006), para Heidegger, a escolha desse cuidar não acontece ao acaso. Há três aspectos distintos dessa forma de cuidar que devem ser explorados: do que vai se cuidar ou não, de como se vai cuidar ou não, e como se vai cuidar desse cuidar mesmo. É possível afirmar que a escolha “de que cuidar” e “do modo de cuidar”, dizem respeito à cultura em que o sujeito está inserido. O modo de cuidar do modo de cuidar do que se tomou sob cuidados, é o que leva mais propriamente ao âmbito do sentido. Esse sentido deve ser entendido como um rumo, ou um norte, em que se abre a possibilidade de se cuidar de ser, dando-se conta de ser numa certa direção e não em outra. E é por meio da disposição afetiva que o Dasein cuida do existir. Dessa forma, cuidando de existir é que o sentido originalmente se manifesta.

É importante também nesse momento, introduzir a discussão sobre a temporalidade do Dasein. O tempo do Dasein não é pautado pelo tempo do relógio que governa as movimentações das atividades cotidianas da sociedade. Esse tempo se refere à forma como o Dasein articula seus diferentes modos de ser em uma linha temporal. Para citar um exemplo que facilite o entendimento dessa dimensão existencial, é possível pensar em um sujeito que se encontra momentaneamente nostálgico, que valoriza intensamente o passado. Esse indivíduo possui um modo de ser fixado no passado mesmo estando no presente, isso é, há uma vivência de forma passada situada no presente. Citando ainda outro exemplo, um sujeito extremamente angustiado, no sentido ôntico do termo, pode, muitas vezes, vivenciar no presente um modo de ser no futuro, ou seja, a angústia pode expressar o desejo da antecipação do futuro. Ou ainda, uma criança pode apresentar seu modo de ser ancorado apenas num presente imediato, por exemplo. Dessa forma, fica evidente que o Dasein vai imprimindo, por meio dos seus diferentes modos de ser, diferentes marcas temporais ao longo da sua existência, que não possuem sincronidade com o tempo cronológico.

Uma compreensão fenomenológica-existencial sobre mudança de carreira

Neste momento será importante interrogar, em maior profundidade, sobre os fenômenos de angústia e de culpa, para uma tentativa de aproximação do fenômeno de mudança de carreira profissional. Então, poderá ser percebido, em primeiro lugar, que toda angústia e toda culpa, cada uma delas propõe duas questões fundamentais próprias, de cuja resposta conveniente depende toda a compreensão de seu sentido.

Cada angústia humana tem um de que, do qual ela tem “medo” e um pelo que, pelo qual ela teme. Cada culpa tem um “o que” que ela “deve”, e um credor ao qual ela está devendo.

O do que de cada angústia é sempre um ataque lesivo à possibilidade do estar-aí (dasein) humano. No fundo, cada angústia teme a extinção deste, ou seja, a possibilidade de um dia não estar mais aqui. O pelo que da angústia humana é por isto o próprio estar-aí, na medida em que ela sempre se preocupa e zela só pela duração deste. Por isso as pessoas que mais temem a morte são sempre as mesmas que mais têm medo da vida, pois é sempre o viver da vida que desgasta e põe em perigo o estar-aí. (BOSS, 1977, p. 25)

Cada fenômeno de angústia e culpa somente será genuíno quando permitida sua expressão concreta, mas investigando com cuidado sua própria essência. A própria língua alemã tem algo a contribuir nesse sentido.

Schuld (Culpa) deriva da palavra do antigo alto-alemão Sculd. Mas, arcaicamente, Sculd apenas significava aquilo que carece e falta; e realmente, algo sempre e perpetuamente falta na vida do ser humano. (BOSS, 1977, p. 31)

Angústia e culpa, seriam então sentimentos igualmente pesados, árduos e esmagadores do Dasein, cargas inevitáveis desde a infância que não podem ser liquidadas no decurso da vida?

Aqui cabe uma relevante diferenciação entre angústia ontológica e angústia ôntica. O sentimento vivenciado de angústia, de estreitamento, que comprime o peito e muitas vezes paralisa os indivíduos quando se deparam frente uma encruzilhada que solicita uma decisão, este pode ser compreendido como angústia ôntica, pois trata-se da sua vivência na vida cotidiana. Quando Heidegger discorre sobre a angústia

existencial ou ontológica, ele se refere a uma experiência fundamental de abertura, como apresentado no trecho a seguir,

Se a analítica existenciária do Dasein há de chegar à radical claridade acerca de sua função ontológica-fundamental, então, e para se conseguir dominar seu primeiro problema, o de tornar manifesto o ser do Dasein, necessita-se buscar uma das possibilidades de abri-lo de uma forma mais ampla e mais original que haja no Dasein mesmo. O modo de abrir-se em que o Dasein se coloca ante si mesmo há de ser tal que nele se faça acessível o Dasein, ainda que simplificado de certa maneira. Com a abertura, fica logo desvelada a totalidade estrutural do ser buscado. Um encontrar-se que satisfaz semelhantes requisitos metódicos se dá na análise do fenômeno da angústia. (HEIDEGGER, 1993, p. 202)

Entretanto, é essencial o entendimento de que o acesso à angústia existencial ou ontológica, que remeterá o Dasein a um estado de abertura, ocorre a partir da análise ou elaboração da angústia ôntica, apresentada numa situação vivencial de cada indivíduo. Pois somente a partir da analítica do sentido da angústia ôntica que poderá ser viável o percurso para esse intrincado caminho de abertura, que pode possibilitar, ao Dasein, um rico momento de encontro genuíno consigo mesmo. Esse estado acontece, segundo HEIDEGGER (1969), pois há uma suspensão na angústia, quando o nada se manifesta, a angústia põe em fuga o ente em sua totalidade. Nessa suspensão proposta, o Dasein pode alcançar uma condição de serenidade e de apropriação que lhe permite tomar decisões de forma autêntica, que se referem ao cuidar do seu ser, na medida em que possa conferir sentido à sua existência.

Contudo, o ser humano muitas vezes possui uma tendência a criar subterfúgios para não entrar em contato com sua angústia ou sua culpa, fugindo de si mesmo por meio da vivência da impropriedade na vida cotidiana. A vida cotidiana pode circunscrever um homem isento de opiniões próprias, que se guia por um movimento de manada, que segue apenas o que é valorizado pela sociedade contemporânea. Ele não se apropria, fica apenas no “a gente” quando esboça uma opinião, possui uma tendência a não se responsabilizar pelo que expressa. O eu do seu ser parece ter sido roubado pelos outros. E quais são as formas de expressão desse modo impróprio ou inautêntico?

Segundo REHFELD (1988), para Heidegger, O “falatório” (Gerede) é a forma cotidiana do Dasein de compreender e interpretar. Através da fala corriqueira, que também pode ter a forma escrita, compreende-se apenas o mediano, pois se usam somente termos comuns que servem para uma vasta variedade de fenômenos

diferentes, perdendo-se, assim, a originalidade do específico fenômeno ao qual a fala se refere.

Já a “avidez de novidades” (Neugier) é a peculiar tendência da cotidianidade de ver. É um ver sobre, distanciado, um dirigir a vista apenas para os contornos, rapidamente se desvinculando de um comprometimento em obrar o que se vê. O Dasein se deixa arrastar unicamente pelo aspecto exterior do mundo, de forma a ficar isento de si próprio enquanto ser-no-mundo. Está-se em todas as partes e ao mesmo tempo em nenhum lugar. O “falatório” rege também as vias da “avidez de novidades” dizendo o que se deve ler ou ver.

A “ambiguidade” (Zweideutigkeit) é a terceira forma de o homem se perder na cotidianidade. Nela, tudo é acessível a todos, nela, qualquer um pode discorrer sobre qualquer assunto, nela não há limites ou critérios de validação para decidir o que é um genuíno compreender ou não. Tudo possui um aspecto de autenticidade compreendido, o que, no fundo, não está. Todos agem como se já tivessem se debruçado exaustivamente sobre cada uma e todas as questões. “A ambiguidade” não oculta nada à compreensão do Dasein, mas age somente para submergir o ser-no-mundo no desraigado “em todas as partes e em nenhuma”.

Essa dispersão na impropriedade não deve ser entendida em tom de depreciação, pois a ilustração desses modos de ser-no-mundo apenas ressalta que o eu não é mais ele mesmo, e as suas possibilidades não são mais as suas. No entanto, é importante destacar que é constitutivo do homem manter certo contato com a impropriedade, pois a árdua incumbência da existência requer certo afastamento de suas questões centrais para tornar-se plausível.

Essa introdução foi relevante para proporcionar uma reflexão sobre o processo de mudança de carreira. Como foi apresentado até aqui, para a Fenomenologia Existencial, o Homem possui duas condições ontológicas fundamentais: ser mortal e ser livre. Na vida cotidiana, essas duas condições existenciais são vivenciadas onticamente por meio dos sentimentos da angústia e da culpa. A escolha de uma carreira profissional, por meio da escolha de um curso universitário, pode introduzir o indivíduo em uma das primeiras grandes decisões da sua vida. Muitas vezes, a imaturidade desse indivíduo pode desfavorecer uma decisão de forma autêntica e legítima. A impropriedade ou a inautenticidade pode emergir a partir da expectativa da família, que reivindica as possibilidades desse Dasein como suas. Essa não é uma possibilidade única, pois cada homem realiza suas vivências de forma singular e não é possível

comparar ou julgar os caminhos trilhados por cada indivíduo, e nesse trabalho existe apenas uma tentativa de organizá-los de uma forma didática que torne possível pensar sobre esse fenômeno de mudança.

Quando uma primeira escolha universitária foi tomada de forma inautêntica, somente a sua vivência na universidade e, em seguida, profissional, poderão dizer a respeito dos sentimentos de angústia e culpa desse indivíduo, pois esses sentimentos estão atrelados ao ser-para-a-morte do indivíduo ou sua finitude. Esses sentimentos impulsionam o Dasein a utilizar o seu tempo da melhor forma possível, para que assim consiga atribuir sentido à sua existência. Caso a vivência fortaleça uma compreensão de sentido para esse Dasein, pode não haver a manifestação do interesse por uma mudança de carreira. Dessa forma, pode ficar aplacada a escolha inautêntica que se deu anteriormente, pois o Dasein no seu “fazer” pode ter encontrado uma possibilidade de ser autêntico ou ainda permanecer na impropriedade, pois não há garantias de que o Dasein saia desse estado, pois ele pode questionar o sentido da sua existência, examinar novas possibilidades, mas optar por compor toda a sua existência nesse lugar inautêntico.

Contudo, quando há uma pendência ocorrida na escolha do curso universitário, aí sim a angústia e a culpa passarão a exercer uma pressão recorrente sobre essa existência, solicitando pela escuta genuína do seu ser. Isso porque a angústia imprimirá a efetivação do “cuidar do ser” na amplitude do sentido, dentro da temporalidade finita da existência e a culpa cunha esse ficar-a-dever, pois quando uma pessoa possui certo interesse por um determinado curso de graduação e não o concretiza, fica devedor e esse débito será continuamente lembrado. No entanto, caberá a esse Dasein examinar essa angústia e essa culpa para compreender que pode haver novas possibilidades de existência ou a própria mudança da carreira profissional como uma de suas alternativas, caso esse realmente seja um caminho viável. Aliás, quando o Dasein consegue visualizar a abrangência da sua existência, sempre como possibilidade e não fica restrito à vivência da circunstância atual de forma aprisionadora, ele se depara com uma ampliação de seu horizonte existencial, que é um processo extremamente valioso e libertador. A forma de vivenciar os sentimentos de angústia e culpa pode permitir uma abertura ao Dasein, facilitando um movimento de ruptura com um determinado modo de ser. Lembrando que o homem nasce possibilidade, ele é restringido apenas pela facticidade e historicidade na qual é lançado.

O Dasein poderá ficar imerso na angústia durante um longo período, até conseguir elaborar e explorar esse sentimento de forma intensa. O seu movimento poderá ser concêntrico ao examinar novas formas de ser. No entanto, é necessário ressaltar que a exploração de diferentes possibilidades não assegura a posse efetiva de nenhuma delas. Muitos poderão ser os dilemas que se apresentarão, especialmente quando o indivíduo conclui o curso universitário e logo ingressa no mercado de trabalho. Essa problemática se agrava ainda mais quando a profissão escolhida favorece a obtenção de expressivas remunerações.

Quando o Dasein finalmente encontra na mudança de carreira uma possibilidade concreta de aproximação de seu próprio ser, como um movimento autêntico de encontro, é possível afirmar que seu dilema existencial está apenas começando. O caminho a ser traçado no plano material para direcionar a mudança de carreira retirará o indivíduo do seu centro, da sua zona de vivência segura. Esse Dasein poderá vivenciar um trabalho de luto existencial que o lançará na morte de um modo de ser fixado num certo enquadre, com determinados parâmetros norteadores, para somente assim passar a vislumbrar a concepção de uma existência renovada. O não-ser pode fazer-se presente nesse processo. Nesse momento, o Dasein, pode experimentar, de forma visceral, toda dor e penúria. O movimento seguinte será de recolhimento, em que a tristeza e a depressão submergem e passam a reger as suas entranhas. Somente após esse luto ou a superação do não-ser é que surge novamente a possibilidade de uma nova concepção. Para isso, é preciso haver o nada. Nesse ponto, situa-se a razão da dificuldade concreta que as pessoas possuem para decidirem por empreender mudanças de carreira em suas existências. Essa ruptura pode promover um prenúncio de atravessar o vale da morte. A mudança poderá implicar em dor, sofrimento, em sentir na carne crua a dor que somente será unicamente do próprio Dasein. Será necessário morrer para que haja a possibilidade de um novo nascimento. Esse nascimento irá gerar um Dasein diferente, transformado, amadurecido e aberto a novas possibilidades.

O ser humano muitas vezes possui uma tendência a fechar-se diante de situações ou reivindicações daquilo que vem ao seu encontro, ou seja, de esquivar-se. Apenas quando assume livremente o estar-culpado e se deixa usar, ele entrará em contato com este estar-culpado de maneira renovada e livre de opressão. Esse modo de existência, que confere a abertura para a transformação, pode ser destacado como libertador, especialmente quando essa abertura se refere à mudança de carreira e o indivíduo opta por mergulhar de forma desprendida na nova carreira escolhida. No

entanto, até mesmo dentro do novo curso universitário escolhido, sua vivência poderá expressar uma angústia contínua até o Dasein se sentir ocupando uma nova delimitação ou “lugar” profissional. Muitas vezes, somente a partir do exercício do labor da nova carreira, ele poderá situar o Dasein numa nova sensação de segurança. Segundo Critelli,

Através do Labor, do Trabalho e da Ação, os homens vão garantindo ao real sua objetivação, portanto, sua objetividade. Trata-se, grosso modo, da produção do mundo e da construção da História. Simultaneamente e através destes produzir e construir, todo e cada homem vai cuidando de ser si mesmo enquanto singularidade e pluralidade, no desenvolvimento de seu destino pessoal e coletivo. Assim desenvolve seu ser-no-mundo, lidando com as coisas e falando com os outros. (CRITELLI, 2006, p. 119)

É importante destacar que, mesmo após a conclusão de um processo de mudança de carreira, isso não assegura que esse Dasein não realizará novas mudanças, pois conforme fora apresentado de forma recorrente o ser do Dasein estará sempre em jogo, ele nasce possibilidade e assim será até o fim da sua existência. Por isso, não é possível encerrá-lo num processo de mudança de carreira, mesmo que, genuinamente, o exercício da nova profissão lhe conceda sentido para o seu existir. Contudo, é possível afirmar que a abertura existencial, proporcionada pela imersão na angústia existencial, reveste o Dasein de uma serenidade e um concomitante rompante de paixão por aquilo que se interessa. E ao vivenciar a sua escolha até o seu esgotamento, ele poderá buscar novas possibilidades, livre de sentimentos de ficar-a-dever frente ao seu ser. Somente inscrito na autenticidade o Dasein poderá estar frente uma ampla diversidade de possibilidades sem sentir-se numa encruzilhada, mas contemplando, de fato, seu sentido libertador, que assim poderá ter-lhe a conotação de um sopro em sua alma.

Aspectos Metodológicos

Este tópico visa explicitar o caminho metodológico utilizado para a realização da pesquisa. A opção escolhida foi a pesquisa qualitativa.

Para realizar o trabalho com os quatro indivíduos, metodologicamente, foi utilizada a entrevista reflexiva.

A respeito dessa forma de entrevistar, explica Szymanski:

Foi na consideração da entrevista como um encontro interpessoal no qual é incluída a subjetividade dos protagonistas, podendo se constituir um momento de construção de um novo conhecimento, nos limites da representatividade da fala e na busca de uma horizontalidade nas relações de poder, que se delineou esta proposta de entrevista, a qual chamamos de reflexiva, tanto porque leva em conta a recorrência de significados durante qualquer ato comunicativo quanto à busca de horizontalidade. SZYMANSKI (2004, p. 14)

A escolha desse procedimento de entrevista ocorreu por ser totalmente compatível com o pensamento fenomenológico existencial (referencial utilizado neste trabalho) e por estar adequado aos objetivos desta pesquisa.

SZYMANSKI (2004, 14) ainda acrescenta que a “entrevista também se torna um momento de organização de ideias e de construção de um discurso para um interlocutor, o que já caracteriza o caráter de recorte da experiência e reafirma a situação de interação como geradora de um discurso particularizado”.

Como todo procedimento metodológico que busca rigor, também na entrevista reflexiva, alguns cuidados foram considerados. Um dos aspectos de relevância nessa modalidade de entrevista é à postura do entrevistador que tanto possui um papel de agente facilitador, cuidando em promover um clima favorável, no qual as respostas possam emergir quanto a postura do entrevistador é também ativa no sentido de cuidar para que as falas do entrevistado ocorram, de certa forma, dentro dos limites do tema que está sendo pesquisado.

Outro ponto importante dessa modalidade de entrevista é que não há um roteiro fechado a ser seguido. O que norteia a entrevista é a clareza que o entrevistador/pesquisador tem sobre os objetivos da pesquisa, sobre quais temas se pretende investigar, enfim, a ampla percepção do problema de pesquisa que está sendo investigado.

A partir dessa perspectiva, cabe ressaltar um importante aspecto dessa modalidade de entrevista: a elaboração da questão desencadeadora. Conforme aponta SZYMANSKI (2004, 27), “ela deve ser o ponto de partida para o início da fala do participante, focalizando o ponto que se quer estudar e, ao mesmo tempo, amplia o suficiente para que ele escolha por onde quer começar”. Esclarecidos os objetivos desta pesquisa, a questão desencadeadora elaborada para este trabalho foi: *“Como foi que ocorreu a sua mudança de carreira? queria que contasse um pouco de estória, seu contexto familiar, os cenários de escolhas, seu dilemas na transição.”*

Com esse referencial metodológico, foram realizadas quatro entrevistas individuais, com aproximadamente uma hora e meia de duração cada. Os entrevistados foram selecionados respeitando os seguintes critérios: indivíduos que cursaram um primeiro curso universitário em qualquer área e na sequência iniciaram sua atuação no mercado de trabalho com na profissão escolhida, e posteriormente ingressaram na Psicologia por meio de um curso de graduação ou em formações específicas dessa área; participantes de diferentes faixas etárias que realizaram a mudança de carreira em momentos diversos de suas existências. Todos os encontros foram gravados com a autorização dos participantes.

Análise das entrevistas

As diretrizes da metodologia adotada estão respaldadas em uma visão singular de homem e de mundo: a compreensão da Fenomenologia Existencial. Entretanto, conforme esclarece CRITELLI (1996), não é possível imaginar que a fenomenologia tivesse apenas uma viabilização de procedimentos de análise. De acordo com a autora, a abordagem fenomenológica-existencial possibilita diferentes articulações metodológicas, sempre desenvolvidas num acordo com a questão e o fenômeno que provocaram o querer saber a seu respeito. Dessa forma, o pesquisador (investigador) faz parte do que ele quer saber e do que ele pode ver. “O que se manifesta através do investigador acaba sendo aquilo mesmo em busca de que ele se põe a caminho. Através de si mesmo, o que ele vem a saber se autentica” (CRITELLI, 1996, p. 135).

Em função do que foi apresentado até o momento, o objetivo central deste estudo será o de interrogar sobre o “sentido” - numa perspectiva fenomenológico-existencial - a análise das informações reunidas nesta pesquisa foi encaminhada tendo como fundamento o método desconstrutivo-constutivo daquela abordagem, inspirado

no que CRITELLI (1996) nomeia como Analítica do Sentido. Dessa maneira, aproxima-se do conceito de hermenêutica heideggeriana, ou seja, a interpretação como desvelamento do sentido de ser, das estruturas básicas do Dasein, priorizando entre estas o sentido de cuidar (HEIDEGGER, 1993).

Segundo CRITELLI (1996, p. 131): o que compõe a Analítica do Sentido é mais uma orientação referente aos paradigmas que constituem o olhar que vê e a manifestação do buscado (dos modos e do movimento fenomênico do aparecer de tudo o que há; do movimento de realização do real; do movimento de objetivação desse real; e da estrutura do cuidar).

Segundo Sodelli:

A tarefa interpretativa deverá seguir o caminho de diferenciar a compreensão do contexto da comunicação da compreensão do contexto do próprio pesquisador; explorar e deduzir as definições de situações que o texto transmitido permite, a partir do mundo e da vida do autor e de seu grupo social; o pesquisador, ao analisar, pode pressupor que compartilha com o autor suas referências formais à vida social. (SODELLI, 2006, p. 29)

SODELLI (2006) ainda acrescenta que o dizer poético, como ensina HEIDEGGER (1993), é o dizer que projeta, que mostra, que deixa ver. Esse dizer não se aproxima do falar, pois o homem pode falar, falar demasiadamente e nada dizer. Por essa razão, a mesma linguagem que guarda o sentido de ser, também a oculta; daí a importância do trabalho interpretativo.

HEIDEGGER (1993) destaca que na fenomenologia existencial, a palavra análise tem como significado o desfazer de uma trama em seus componentes fundamentais, sendo o seu caráter primordial, não a sua decomposição em elementos isolados, mas a recondução a uma unidade (síntese) da possibilidade ontológica do ser dos entes.

Assim, nesta pesquisa, o trabalho analítico pretende tornar visível a trama de significados que cada indivíduo construiu no processo derivado da entrevista realizada. Esse esforço analítico volta seu olhar, prioritariamente, para a complexa estrutura do cuidar:

- Aquilo que se cuida (o presente, o projeto, que se aproxima e distancia para os cuidados. Por exemplo: o que se fala);

- O modo pelo qual se cuida desse cuidar (o passado, o que já foi possível, a impropriedade, hábitos, formas culturais, sociais, peculiares, individuais, operacionais. Por exemplo: como se fala de algo);
- O modo como se cuida desse cuidar do cuidar mesmo (o futuro, já-ser-lançado, compreensão do sentido do ser-para-morte, estados de ânimo, sentimentos. Por exemplo: como me sinto no meu ser-aí, na abertura de como se fala e como essa fala se orienta).

Concretamente, com cada indivíduo entrevistado, a análise das entrevistas ocorreu do seguinte modo:

- As entrevistas foram transcritas na íntegra, mantendo a fidelidade à linguagem dos entrevistados; Apenas pequenas adaptações foram realizadas com o intuito de preservar o sigilo a respeito dos sujeitos entrevistados;
 - Por meio de uma leitura flutuante/reflexiva, prolongando uma relação interrogativa com todo o texto, o material transcrito de cada entrevista foi lido exaustivamente;
 - Em seguida, iniciou-se o agrupamento das falas do grupo que tratavam de um mesmo tema, criando assim, vários focos de análise;
 - A partir desses diversos focos, foram selecionados aqueles que tinham maior relevância/relação com os objetivos desta pesquisa, descartando os outros;
 - Vale ressaltar que o processo de transcrição das entrevistas realizado pelo próprio autor já se configura, também, como um importante momento de aproximação e ampliação de conhecimento das entrevistas;
 - Sem perder de vista a totalidade e a trama de significados das entrevistas (o modo como se falou sobre aquele assunto), sob cada foco de análise selecionado, o pesquisador descreveu sua primeira compreensão;
 - Numa perspectiva de desvelamento-revelação de sentidos, segundo a qual cada parte da entrevista, por um lado, deve ser entendida à luz da totalidade das entrevistas e, por outro lado, sua estrutura deve ser reconstruída, levando em conta, ainda, cada parte que lhe pertence, todo o material foi interpretado novamente, pois, numa hermenêutica heideggeriana, o desvelamento resultará em novos ocultamentos (CRITELLI, 1996);
 - Após esse intenso processo de desvelamento-revelação e novos ocultamentos, cujo fim foi determinado pelo horizonte do tempo de compreensão do pesquisador, foi elaborado um texto analítico que procura entender qual é o sentido, para cada indivíduo, da mudança de carreira ocorrida ao longo da existência de cada Dasein;
- Assim, é possível sintetizar o processo de análise em dois momentos:

- Apresentação dos focos de análise e sua respectiva compreensão;
- À luz da compreensão de cada indivíduo entrevistado e do esclarecimento sobre a delimitação a respeito da visão de homem que parte a discussão, apontada nos capítulos anteriores, desenvolveu-se um último texto analítico, que busca desvelar as tramas de significados envolvidas na mudança de carreiras.

Considerações éticas

As questões éticas receberam especial atenção, pois as informações obtidas envolveram certa exposição da intimidade dos participantes. Foram consideradas as normas previstas pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução 196/96): o sigilo profissional garantido pela não revelação da identidade dos entrevistados e das pessoas por eles mencionadas. Os resultados foram utilizados apenas no âmbito acadêmico. O cuidado com os participantes foi fundamental, no sentido de uma postura acolhedora e respeitosa, garantindo-se a beneficência do estudo. Foi encaminhada uma solicitação de aprovação deste projeto de pesquisa ao Comitê de Ética e sua devolutiva foi positiva no sentido de autorizar a pesquisa.

Análise e Discussão

Neste capítulo será realizada uma análise das entrevistas a partir do referencial teórico da fenomenologia existencial. Nessa direção, será dada atenção especial primeiramente a seleção de focos de análises e desenvolvimento de uma compreensão inicial sobre os fenômenos observados. Em seguida, será desenvolvido um texto de análise do sentido, subjacente às tramas de significados apontados nas falas dos entrevistados para uma melhor apreensão dos processos de mudança de carreira. As falas dos entrevistados estarão grifadas e em *itálico* e as respectivas compreensões aparecem na sequência de cada foco de análise.

Dados de Identificação

Nome fictício: Regina

Idade: 35 anos

Sexo: Feminino

Estado civil: Casada

Primeiro curso universitário: Administração de Empresas

Universidade: instituição particular da cidade de São Paulo

Segundo curso universitário: Psicologia (em formação – quarto ano)

Universidade: instituição particular da cidade de São Paulo

Contexto familiar

Entrevistada: *Bom, eu venho de duas famílias muito diferentes uma da outra. A família da minha mãe, meu avô é italiano e minha avó veio de uma família bem tradicional do interior de São Paulo. Então assim, eu tenho de bagagem do meu avô, ele veio da Itália, aí ele foi campeão sul-americano de natação, foi uma pessoa muito esforçada para conseguir as coisas, ele montou uma empresa familiar de arroz com mais dois amigos.*

Entrevistador: *Ele era imigrante?*

Entrevistada: *Ele era imigrante, mas a família dele já era daqui, a mãe dele era brasileira, ele pertencia a uma família bem tradicional de São Paulo. Ele nasceu na Itália, os avós dele nasceram na Itália, mas a mãe dele já era brasileira.*

Entrevistada: *Uma pessoa que sempre demonstrou muito esse lado empreendedor, de construir as coisas do zero, de ter seus parceiros, de ter o valor de construir. Mas também tinha uma visão muito europeia no sentido de aproveitar, de viajar, de gastar o dinheiro de uma forma diferente do que a gente tem às vezes aqui no Brasil. Então, essa era a família da minha mãe. Eu tinha uma identificação muito grande com os meus avós maternos.*

Entrevistada: *Meu pai, a família do meu pai era de Uberaba, mineira, meu avô, meus avós eram mais simples, mas também meu avô foi muito batalhador, começou do zero, ele conseguiu crescer muito na carreira dele. Ele teve várias fazendas, ele conta que levava as comitivas de boi de um lado para o outro. Então ele foi abrir fazenda lá no Mato Grosso do Sul quando não tinha ninguém ainda. Então também uma pessoa muito desbravadora no sentido de abrir novas fronteiras. O meu pai então veio dessa família, mais fazendeira, mais mineira, mais simples e minha mãe de uma família muito mais tradicionalista. Para você ter uma ideia, essa pequena cidade do interior tinha na década de 80, a maior renda per capita do Brasil. Então era uma cidade que tinha uma questão financeira e uma coisa bem tradicionalista.*

Entrevistada: *Mas a minha infância assim em termos gerais eu gostava muito de morar na fazenda, então assim vejo que hoje em dia isso faz uma diferença nas minhas relações, na minha vivência muito grande, então eu gostava muito de passear, gostava muito de andar, eu ia à cachoeira todo dia, tinha uma coisa assim muito de vivência diferenciada na natureza, e eu gostava muito de ficar sozinha.*

Entrevistada: *Meus avós viajavam muito para a Europa, levavam a gente. Mas minha avó já conhecia o mundo inteiro, já tinha ido para o Japão, para a China, já tinha ido para o Vietnã, conheceu todos os lugares do mundo. Meu avô gostava muito também de esqui então levavam a minha mãe e os irmãos para esqui desde pequenininhos.*

E minha avó também muito culta, tudo o que você conversava com ela, ela entendia de filosofia, de história, então eu chegava à casa dela eu adorava.

Entrevistada: *Minha mãe gosta de uma coisa mais prática e meu pai também. Então eu gostava muito desse lado. Mas a vivência nossa de ser criada na fazenda me fez muito assim de gostar das coisas da natureza, de uma espontaneidade maior. Eu tinha muitos primos. E aí com quatorze anos minha mãe achou que eu tinha que morar em São Paulo, que eu tinha que me preparar para entrar na faculdade. Até nunca tinha ouvido falar em estudar, sempre fui boa aluna, mas não era super estudiosa. Eu era super esportista, competitiva, então aprendi tudo que você imagina, fazia atletismo, hipismo, vôlei, tudo que você imagina. Eu sei esqui na água, eu sei esqui na neve tudo de esporte eu sempre tive muito incentivo para fazer. E eu sempre tive uma habilidade boa, tudo conseguia fazer com muita facilidade. Mas eu não era uma adolescente muito prosa, sabe, comunicativa, eu tinha meus amigos, mas assim não era muito expansiva. Mas não era aquela coisa que nem você vê em algumas pessoas.*

Entrevistada: *Eu tenho irmãos gêmeos, mas não me lembro muito deles na infância. Eu lembro deles na minha adolescência. Meus pais na época estavam separando então eu me sentia na responsabilidade de cuidar deles. Mas me lembro pouco. Aí eu mudei para São Paulo com quatorze anos, fui estudar em colégio, fui morar com os meus avós, foi horrível pra mim. Porque eu saí assim de morar na fazenda para morar numa cidade grande, de morar com os meus pais que eu tinha muita liberdade para morar com os meus avós.*

Neste primeiro foco de análise, Regina apresenta seu contexto familiar e destaca que pertence a uma família de empreendedores e empresários de ambos os lados (pai e mãe). Por ter sido criada em uma fazenda no interior do estado de São Paulo até os quatorze anos de idade, parece ter sido mais próxima, nesse período, da família tradicional de sua mãe.

Suas vivências até a adolescência estiveram cerceadas por natureza e pela vida pacata de uma pequena e rica cidade do interior. Regina parece ter sido uma criança reservada que gostava de ficar sozinha e de ler muito. Por outro lado, mostrava-se habilidosa e competitiva nos esportes que praticava. A condição financeira privilegiada

dos seus avós maternos parece ter permeado a vida dos seus pais e a dela própria, possibilitando a viagem a diversos países e, contato com diferentes culturas e línguas.

A mudança para São Paulo na pré-adolescência parece ter sido vivenciada como uma ruptura em sua vida, pois deixou suas raízes saindo da casa dos pais para a casa dos avós maternos e também trocou a vida provinciana do interior pela agitada capital paulista. O processo de separação de seus pais constituiu outro movimento relevante nesse momento, pois estava começando a se iniciar.

Circunstância da escolha do curso universitário

Entrevistada: *Daí eu vim para cá e toda aquela obrigatoriedade que tem que estudar que tem que passar na faculdade. E sempre muito festeira, na minha adolescência toda eu saía bastante, tinha bastante amizade, depois acabei achando um grupo assim super legal. E aí fui para a faculdade, na hora de prestar eu não tinha noção do que eu queria, prestei Psicologia, Administração, Arquitetura, Propaganda e Marketing.*

Entrevistador: *Então você prestou Psicologia?*

Entrevistada: *Prestei. Na época em que eu prestei meus pais estavam se separando, começando algumas discussões. E minha mãe teve uma presença muito forte na hora que eu tive que tomar a decisão. Ela falou assim: “você tem que ser uma pessoa independente, você nunca pode depender do homem com quem você casar, você tem que ganhar o seu próprio dinheiro, assim você vai poder fazer o que você quiser.” E nesse sentido para mim foi bem assim foi bem real porque era o que estava acontecendo com ela.*

E a Psicologia vinha muito assim do lado de entender, eu sempre fui aquela adolescente apaixonada, que sofria, namorava. Então pensei em estudar Psicologia para ver se eu entendia o funcionamento das emoções. E arquitetura eu prestei também porque eu gostava muito de artes, sempre desenhei, sempre pinte. Eu gostava de ir quando viajava em todos os museus, então achei que Arquitetura era outra opção também. Na época eu tive que escolher, e escolhi, falei então vou fazer Administração que é um curso mais genérico e isso vai me ajudar a depois escolher o que eu quero fazer. Mas minha escolha foi muito assim sem reflexão, sem preparo sem um olhar para

o que eu queria mesmo. Mas eu achei que foi bom para mim, pela boa bagagem que eu tenho. Imagina Psicologia não fazia o menor sentido para a minha família.

Entrevistador: *Naquela época não fazia?*

Entrevistada: *Não, nem hoje faz. Risos de ambos. Minha família é de empresários, empreendedores, gente que manda, que comanda. Mesmo meu pai que é fazendeiro, ele que manda, que delega tudo o que as pessoas precisam fazer. Eu tenho uma família que tem uma característica não de cuidador, não tem médicos, não tem psicólogos, não tem dentistas, ninguém relacionado à área, vamos dizer assim, de cuidar. Somente relacionados à área mais pragmática, todo mundo da minha família dessas gerações do meu pai e da minha mãe são bem de vida, então sempre viajam muito, então tem assim um caráter muito mais, uma presença da minha família nessa primeira decisão.*

Em sua adolescência, no período pré-vestibular, Regina parece estar menos retraída, fazendo novas amizades em São Paulo. Sua indecisão na escolha da profissão fica evidente, mas o que chama atenção é que o curso de Psicologia já foi, nesse momento, uma de suas opções.

A separação de seus pais parece ter influenciado diretamente em sua decisão, pois sua mãe convoca a filha para que ela seja uma mulher independente financeiramente, para que tenha autonomia e não “dependa” de nenhum homem, questão esta que estava sendo vivenciada pela mãe no momento da separação com seu pai. Além disso, a família em geral expressou claramente certa intolerância ao curso de Psicologia por estar situado em um lugar distante da cultura de empresários valorizada tradicionalmente por ambos os lados de sua família.

Traçado esse panorama fica evidente que sua primeira decisão de curso universitário esteve fortemente associada à sua família. Sua escolha acabou tendendo para o curso de Administração de Empresas.

Vivência na profissão escolhida

Entrevistada: *No segundo ano da faculdade eu não estava gostando do curso e queria fazer Desenho Industrial. Aí fui, prestei e passei, aí eu fiz dois anos tocando*

Administração e Desenho Industrial. Aí no final, quando eu estava me formando na faculdade de Administração, eu tinha que decidir se eu ia trabalhar ou se ia continuar a faculdade de Desenho Industrial. Daí eu tranquei a faculdade de Desenho Industrial e fui trabalhar.

Entrevistador: Dentro da Administração tinham algumas coisas que te interessavam mais? Porque a Administração também é um mundo...

Entrevistada: Tinham algumas coisas que me interessavam mais, gostei muito das aulas de Filosofia e Psicologia, gostei muito da parte de Marketing. Eu tinha horror a Matemática Financeira e Contabilidade. E aí fui fazer esses processos seletivos quando estava me formando e não passei em nenhum e era uma dificuldade. Aí tinha uma amiga minha que estava trabalhando numa empresa do mercado financeiro que me convidou a passar pelo processo seletivo, eles estavam contratando alguém para a área de atendimento. E você sabe, quando está se formando você quer qualquer coisa. Nossa, a última coisa que eu imaginava era trabalhar no mercado financeiro.

Entrevistada: De pouco em pouco fui aprendendo o que foram me passando e mostrando que tinha capacidade. E aí foi, foram oito anos nessa empresa. Então assim diferente do que era o contexto de mercado financeiro porque era uma partnership, tinha possibilidade de fazer minha estória. Então eu desde o meu primeiro ano queria ser sócia mesmo a empresa sendo pequena como era, tinha 80 pessoas trabalhando, não tem nem comparação com o que é hoje. Mas eu queria fazer parte desse sonho. Quando eu entrei lá tinha aquele sonho de transformar aquela empresa numa sociedade onde várias pessoas podiam ser sócias. E no mercado financeiro tem uma coisa muito legal, as pessoas são de um nível muito bom. Então seus pares são todas pessoas muito interessantes, com capacidade intelectual, de um nível sócio-econômico legal. Eu fiz grandes amizades por lá, tive grandes experiências, mas foi um lugar assim que não fiquei por ser do mercado financeiro, mas por ter uma filosofia que pra mim fazia muito sentido. Uma filosofia de crescer, de você fazer parte, de você poder agregar, então aquela coisa de eu poder dar palpite na estratégia da empresa. E aí depois dos dois primeiros anos que eu estava lá a gerente administrativa saiu e a pessoa me contratou, eu lembro que eu tinha 24 para 25 anos. Eu falei que topava, imagina hoje eu fico pensando que eu era maluca, pois eu assinava cheques altíssimos, eu era procuradora da empresa. A gente brinca que era uma empresa dos sete anões, porque não era só eu que tinha aquela responsabilidade, era uma série de pessoas com

a minha idade de 24 a 26 anos tendo funções muito importantes e de muita responsabilidade. Então foi um aprendizado muito intuitivo, então pra mim foi muito legal, foi uma experiência muito boa. Não sei te dizer se usei alguma coisa da minha faculdade, mas eu lembro que assim grande parte das coisas que eu aprendi foi o Léo que me ensinou. Ele ficava horas me ensinando, ensinava como fazia uma planilha com fluxo de caixa, tudo, com muita paciência. E ali acho que foi uma fábrica de experiências também, todo mundo tinha a possibilidade de experimentar qual que é o seu dom. E assim foi caminhando a minha estória lá dentro.

Entrevistada: Eu lembro que nos últimos anos foi muita formalização acontecendo, tudo tinha diretrizes, planejamento estratégico, os dois últimos foram interessantes verificar pelo que uma empresa passa quando vai crescendo, mas já não era tão legal. O que eu percebia que enquanto aquela natureza da empresa está ajudando você romper seus limites é legal. Porque você acaba percebendo que pode fazer mais e aí o grupo vai levando a você. Você vai se levando. Mas teve um determinado momento que a minha essência como pessoa estava brigando com o que era. Que é a coisa mais pragmática, então era assim, tudo resultado, tudo meritocracia, tudo definição de bônus. Aí você tem que votar no melhor e no pior do seu grupo. Você se sente muito mais pressionado, muito mais estressado e aí perdeu o charme. Para mim quando eu saí de lá foi muito difícil porque foi como se eu tivesse uma desilusão muito grande, porque achei que aquilo ia ser para sempre, que aquela sensação de romper limite ou de fazer parte de um grupo.

Entrevistador: Nessa época você estava casada?

Entrevistada: Eu entrei lá com 22 anos, eu casei com 24 me separei com 28 e saí de lá com 30 anos.

Então assim quando eu casei acho que investi muito pouco no meu casamento nesse sentido de ficar na minha casa, de me preparar como mulher para o casamento. Eu gostava de cozinhar, tinha uma empregada boa, mas faltava uma coisa mais feminina.

Entrevistador: *Trabalhava muito lá?*

Entrevistada: *Eu brinco que é assim parece que todo mundo trabalhava para uma seita e não trabalhava para uma empresa. Porque era tamanha a vontade de transformar aquilo em algo maior.*

Nos primeiros anos do curso de Administração de Empresas surge o primeiro desinteresse, o que a leva a prestar Desenho Industrial e fazendo-a cursar ambos durante dois anos. As disciplinas que mais lhe interessavam na Administração foram: Psicologia, Filosofia e Marketing. No entanto, a insatisfação com o curso parece ter sido recompensada, de certa forma, em suas vivências profissionais.

Sua trajetória profissional parece ter sido intensa, especialmente nos primeiros anos nessa organização. A filosofia da empresa, juntamente com a possibilidade concreta de tornar-se sócia ainda muito jovem parece ter despertado uma mobilização em Regina. Seu relato sobre os primeiros anos de empresa demonstram uma satisfação imensa pelo grande desenvolvimento e desafios vivenciados. A elevada responsabilidade que logo passou a ser uma realidade, ainda muito jovem, parece ser motivo de orgulho. Os últimos anos parecem ter sido caracterizados por uma competição já desmedida com o crescimento da organização, o que impactaram Regina, provocando certa desilusão. De qualquer forma, parecem ter sido oito anos de dedicação total à empresa.

Nesse percurso Regina teve de estar em contato com um lado seu muito pragmático e parece ter seguido a risca a ideia de se tornar uma mulher independente financeiramente, como sugerido por sua mãe.

Nesse período, com a carreira em primeiro plano, o casamento parece ter ficado em uma posição desprivilegiada, o que culminou com a separação do casal.

A escolha da Psicologia

Entrevistador: *E a mudança para a Psicologia como se deu?*

Entrevistada: *Então, aí quando eu saí da lá eu fui morar um tempo fora. Aí fui fazer alguns cursos, tinha alguns lugares que eu queria conhecer. Findhorn tinha o jogo da transformação, tinha Esalen que era outro lugar na Califórnia que fazia cursos de desenvolvimento. Tinha mais alguns lugares que tinham cursos de desenvolvimento. E*

aí fui viajar, mas fui meio que assim, eu não queria que ninguém me enchesse o saco, eu não queria a minha família me enchendo o saco. Eu me lembro que morei em Paris e não tinha telefone celular. Eu falei não quero que ninguém me ligue. Falei que quero ficar aqui, eu consigo mesma. Fiquei em paz, nossa, foi maravilhoso. Desencanei assim, pra mim foi ótimo. Aí eu voltei e comecei a namorar. Foi antes de eu começar a faculdade de Psicologia. Voltei em Outubro, aí eu fui ver as opções do que eu podia fazer de curso. Aí eu lembro que meu namorado falou assim: “Por que você não faz faculdade de Psicologia?”. Mas daí pensei, “puxa vou fazer 5 anos de graduação!” Aí ele falou “faz, passa logo”. Mas você acha que eu vou passar? Eu achava que não ia passar. E dentro do que era o escopo para eu trabalhar com desenvolvimento humano fazer Psicologia era muito rico. Aí eu tinha tido algumas experiências, eu tinha feito curso de Coach, tinha feito MBTI e tinha experimentado fazer Coaching com algumas pessoas. Algumas foram muito legais, mas lembro de uma pessoa específica que começou a chorar demais, aí eu comecei a perceber que todo conhecimento que eu tinha adquirido no mercado financeiro tinha me trazido uma bagagem muito pragmática e como eu ia lidar com desenvolvimento humano se eu não tinha esse conhecimento do que é o ser humano na sua completude. Então esse dia pra mim foi super importante, falei assim, “não estou preparada porque fiquei tão angustiada de ver aquela pessoa chorando na minha frente”. Sabia que tinha feito vários cursos, mas não me achava preparada para lidar com essa fragilidade. E aí decidi e me inscrevi em duas faculdades e acabei optando por uma delas.

Nesse momento de rompimento com a empresa fica notório um movimento de isolamento para reflexão. A opção pelo distanciamento da família parece ter sido importante. A autonomia financeira parece ter sido alcançada nesses anos de intensa dedicação. Esse objetivo atingido parece lhe ter aberto caminho para uma apropriação de suas escolhas futuras, como exposto por sua mãe. Em sua viagem, Regina parece experimentar uma possibilidade nova de decidir sobre seu percurso dali em diante. A escolha da Psicologia, que já vinha de um flerte antigo, parece ter sido resgatada a partir de uma perspectiva distinta daquela primeira imagem constituída na adolescência. A sugestão de seu namorado parece ter lhe conferido a oportunidade de um novo contato com algo esquecido e que, aparentemente, lhe fazia sentido.

Percepções e sentimentos durante a transição

Entrevistada: *Mas eu acho que nos primeiros anos de Psicologia quando eu tinha que preencher alguma coisa no item profissão, às vezes eu punha Psicóloga, às vezes eu punha Administradora. Aí quando eu voltei a trabalhar, no ano passado eu percebi que não sou nem uma coisa nem outra. Eu sou toda a gama de conhecimento que tive ao longo da minha vida. Então, assim tem um lado mais pragmático, em que eu vivi num mundo competitivo que eu consigo organizar, que eu consigo pensar estrategicamente. E tem um lado que só nestes últimos 4 - 5 anos que eu consegui perceber mais que é a fragilidade, que são as limitações, que é o que é ter o vínculo que é mais importante do que vamos fazer. Então, às vezes você está lá e que chorar faz parte. A gente acaba sendo uma série de experiências que a gente teve.*

Entrevistada: *Eu me sinto Psicóloga agora, terminando a faculdade? Também não me sinto. É engraçado, eu acho que a transição não se dá na hora que eu escolhi fazer a faculdade. Eu acho que o fim dessa transição só vai acontecer ou aconteceu, talvez, no ano passado quando eu comecei a trabalhar e comecei a usar todo esse ferramental.*

Entrevistador: *O que foi mais difícil nessa mudança?*

Entrevistada: *Olha, tiveram momentos em que eu me senti muito insegura, eu estava fazendo a faculdade de Psicologia, mas não sabia o que iria fazer depois. Houve momentos muito angustiantes de transição. Mas essa transição demorou para acontecer. É uma transição longa e meio angustiante eu acho que foi. O fato de ser longa e ano passado eu falei eu quero trabalhar, quero testar para ver as pessoas das minhas relações como funcionam. Eu lembro que eu mandei fazer os meus cartões, escrevi o trabalho que iria fazer, é agora que vou pegar minha pastinha e mostrar para as pessoas. E lembro que era muito angustiante porque eu pensava, “será que as pessoas vão aparecer? Será que vão me ligar? Será que vão voltar?” E também foi emocionante ter essa energia, “não, eu quero, estou preparada, minhas asas estão prontas”. Porque eu estava na zona de conforto na faculdade, você estuda e vai para casa. Também tem uma coisa minha de ser muito exigente comigo mesma, “não, não vai ficar cinco anos apenas fazendo a faculdade sem fazer nada”. Nesse sentido foi muito legal, pois as pessoas começaram a me ligar, cada vez aparecem novas pessoas indicadas pelas pessoas que eu atendo. E aí a coisa vai tomando meio que vida própria.*

E aí você faz um trabalho, você cobra uma coisa, aí você resolve cobrar a mais e a pessoa fala que tudo bem. Foi muito legal sentir uma resposta de que, de alguma forma, fez um trabalho legal, de alguma forma, você agregou alguma coisa. Faz sentido continuar fazendo. Eu acho muito gostoso trabalhar. A gente se sente útil, produzindo alguma coisa no mundo que a gente faz parte. Minha relação com o meu namorado fica melhor quando eu trabalho.

A imagem profissional é um mosaico de conhecimentos e, ao mesmo tempo, uma indefinição. Pois há o desconforto de habitar um “não-lugar” que se aloja no percurso de mudar, por isso o tempo longo da transição surge como um elemento angustiante. A apropriação do “novo lugar” profissional acontece para Regina pela prática, por meio do “fazer” do psicólogo. Embora Regina ainda esteja em formação, um contorno da nova profissão começa se delinear a partir desse “colocar em prática”.

Ser Psicóloga

Entrevistador: *Como você se imagina atuando?*

Entrevistada: *Eu não sei se quando eu terminar a faculdade eu vou fazer muita coisa diferente do que já estou fazendo. Eu acho que vou fazer num outro patamar mais acho que não vou fazer muita coisa diferente. Então, hoje, o que eu faço: atendo como Coaching, eu tenho um cliente de 18 anos e atuo como orientadora profissional e ajudo ele a repensar as profissões, as faculdades, o que cada um vai fazer, quais os lugares que ele gostaria de trabalhar, então vou continuar fazendo cada vez mais esse processo para jovens de 18-20 anos, vou aplicar Coaching para pessoas perto dos 30 anos.*

Neste semestre eu vou atender 6 pessoas. Também pretendo continuar o trabalho de consultoria em RH que estou fazendo numa empresa. Acredito que o trabalho em empresa te remunera melhor, então isso para mim também é importante, eu gosto de continuar tendo minha independência. E também junto minha bagagem do que fiz antes. Penso em trabalhar com RH Estratégico, Treinamento e Desenvolvimento. Tem mais duas empresas que eu enviei proposta e estou esperando resposta. Hoje em dia eu atendo um grupo de crianças como Arteterapeuta, ainda continuo atendendo uma vez por semana e que eu gosto muito. Eu não gostaria de perder mesmo que eu

continue sendo apenas um trabalho voluntário. Imagino, mais para frente, também fazer algum trabalho relacionado ao corpo.

A partir do momento em que Regina iniciou o seu “fazer” como psicóloga, isso parece lhe entusiasmar e direcionar seus esforços para intensificar essa ação após a conclusão da graduação. Em sua atuação como psicóloga organizacional, ela parece ter encontrado uma oportunidade de complementar as suas competências. Por outro lado, ela ainda diz respeito a certa autonomia que lhe parece importante e também permite obter ganhos financeiros mais expressivos, que parecem ser valorizado por ela.

Análise do sentido: a trajetória de mudar de carreira (impressões, percepções e sentimentos a partir da compreensão do pesquisador)

Depois de uma primeira compreensão descritiva dos focos de análise, serão desenvolvidas algumas possíveis considerações analíticas. Seguindo o método fenomenológico existencial, essa análise foi realizada numa perspectiva de desvelamento-revelação de sentidos, segundo a qual cada foco de análise foi apreendido por meio do material transcrito a partir da entrevista e, além disso, toda a entrevista foi reinterpretada com base nos focos de análise, levando em conta cada parte que lhe pertence. Assim, todo o material é interpretado novamente, pois, numa hermenêutica heideggeriana, o desvelamento resultará em novos ocultamentos (CRITELLI, 1996).

Após esse processo de desvelamento-revelação e novos ocultamentos, cuja interrupção é determinada pelo horizonte do tempo de compreensão do pesquisador.

Será apresentada, a seguir, uma última compreensão analítica que busca compreender qual o sentido, para Regina, da mudança de carreira empreendida em sua biografia existencial.

Ao longo da entrevista, Regina deu muita ênfase às vivências de sua infância, especialmente destacando seu contato com a natureza, com cachoeiras e animais de estimação. Em sua fala sobre esse momento de vida, é possível inferir que esse momento surge de forma contemplativa, de mergulho nos livros e, por que não dizer, mergulho em si mesma. Seu modo de ser, nesse momento, parece ter sido de introversão. Uma fala sua evidencia certa insatisfação com esse seu modo de ser, dizendo que nunca foi extrovertida como a maioria das pessoas. Existe a possibilidade

dessa ter sido uma marca em seu percurso que, mais adiante, pode ter contribuído para cogitar sua carreira como psicóloga. Além disso, Regina detalhou, minuciosamente, a origem de sua família por parte dos seus avós paternos e maternos. Regina descreve o avô materno como uma pessoa de referência em sua vida, que conquistou muita riqueza sendo um empresário de sucesso, que pôde proporcionar muitos confortos à sua família. Esse lado de ter parceiros, de construir, de ser competitivo, aparece em sua fala com orgulho. Seu grande interesse por esportes parece traduzir esse seu lado competitivo, muito incentivado pelo avô. Regina se refere ao avô paterno de forma mais discreta, afirmando que ele era muito simples, mas também obteve conquistas financeiras importantes. A família da mãe, tanto o avô como a avó, parece sempre ter estado mais próxima de Regina. Interessante notar que há uma admiração pelo lado intelectual da avó e, ao mesmo tempo, certo incômodo com um grau excessivo de pragmatismo por parte da sua mãe e do seu pai. O avô aparece como o patriarca que impunha os valores importantes para a família.

Sua mudança para São Paulo, aos quatorze anos, parece ter representado o ingresso em outro modo de ser. Sua dinâmica familiar foi rompida por ter saído da casa dos pais e pela respectiva separação, que ocorreu logo em seguida. Regina parece ter entrado num período difícil. Esse desligamento com a vida no interior de São Paulo parece ter remetido Regina, a princípio, a um sofrimento profundo, exposto por meio de sua fala. Mas também depois de certo tempo a experiência lhe possibilitou a abertura para novas possibilidades. A separação dos pais foi outro ponto de inflexão extremamente relevante em seu percurso. Além do sofrimento imposto pela própria separação, sua mãe parece ter-lhe atribuído uma incumbência de trilhar sua trajetória profissional de forma a ser uma pessoa independente. Dessa maneira, na época da escolha da profissão Regina parece estar premida por dois grandes direcionadores: a grande valorização por parte do avô materno, da postura de empresário de sucesso, e a relevância da independência financeira que toda mulher deveria conquistar, posição essa defendida pela mãe a partir de sua vivência da separação. Em sua primeira escolha fica evidente que foi influenciada por esses parâmetros, o que a fez optar pelo curso de Administração de Empresas.

Entretanto, os primeiros sinais de descontentamento tornaram-se latentes nos primeiros anos do curso. Sua ligação com a arte e com desenhos sempre esteve presente em sua trajetória, foi daí que surgiu a ideia de fazer Desenho Industrial. Mas a preferência pelo “fazer” ou entrar em contato com a vida profissional de administradora

de empresas ganhou prioridade em relação a terminar o curso de Desenho Industrial. Na análise de sua vivência profissional, não surgem questões diretamente relacionadas à insatisfação com esse “fazer”. Pelo contrário, ao narrar sua trajetória na empresa em que trabalhou durante oito anos, Regina demonstra satisfação por ter feito parte daquela organização durante a maior parte do tempo em que trabalhou lá. As marcas desse período remetem a uma compreensão de um modo de ser que fazia muito sentido, pois é possível inferir algumas características específicas que podem ter estimulado essa prática: desafios que lhe permitiram testar seus limites, possibilidade de sociedade com pessoas capacitadas intelectualmente, ambiente de aprendizado/desenvolvimento, competitividade, responsabilidade e possibilidade de elevados ganhos financeiros. Esses podem ter sido alguns dos ingredientes que mantiveram Regina dedicada à empresa durante boa parte dos oito anos. Aquela cultura organizacional parece ter fornecido, à Regina, possibilidades de concretização de aspectos muito familiares, como as parcerias que o avô materno empreendeu ao longo de sua vida. Regina, perante a família, parece estar envolta por aceitação e admiração frente ao trabalho que realizava.

Em relação ao lado pessoal, Regina afirma, em sua fala, que se dedicou pouco a seu casamento, pois seu foco concentrou-se no trabalho. As falas a respeito do casamento surgem com tom de menos valia. Durante algum tempo, o casamento parece ter sido preservado apenas pela valorização, por parte do avô materno, da união da família. Entretanto, a morte do avô constituiu um marco na vida de Regina, pois lhe apresentou novas possibilidades de ser, descompromissadas com os valores tradicionais arraigados que o patriarca mantinha presente. A separação do marido logo surge como uma opção válida que não demora a acontecer.

Ao se desligar da empresa que trabalhou, Regina busca novamente um contato consigo mesma, viaja para a Europa com o objetivo de refletir sobre seus próximos passos. Seus sentimentos, ao narrar esse momento, também expressam a necessidade de certo afastamento da família, evitando até mesmo contatos por telefone. A abertura para a possibilidade de fazer Psicologia acontece no seu retorno. Novamente, nesse momento, a morte do avô parece favorecer uma abertura para essa decisão. Outro componente importante parece ter sido a autonomia financeira conquistada nesse período em que trabalhou. O sentido dessa nova possibilidade se abre com a fala do novo namorado que sugere a graduação em Psicologia. Esse parece ter sido o sopro que desencadeou um estalo em um poder-ser adormecido.

A mudança parece colocar Regina em um “não lugar”, pois durante o início do curso ela parece não pertencer à profissão que deixou de exercer, nem psicóloga. Essa parece ser uma fonte intensa de angústia, pois sugere algo novo, um vir-a-ser que está ainda indeterminado. O caminho de sair de um cenário conhecido e familiar para ingressar nesse desconhecido durante alguns anos parece configurar temporariamente um não-ser. Regina relata que, a partir do momento em que começou a atuar profissionalmente sua angústia diminuiu. A partir de um certo “fazer” ela volta a se sentir, mesmo que precariamente, pertencendo em um novo “lugar”.

A Psicologia organizacional parece viabilizar a integração dos conhecimentos que adquiriu e também representa a possibilidade de maiores ganhos financeiros, que segundo sua fala, é um ponto importante, embora afirme que quando ficar velhinha gostaria de atuar como clínica. Na trajetória de Regina na Psicologia, novas possibilidades podem se apresentar e seu desdobramento está ainda por ser construído.

Dados de Identificação

Nome fictício: Lúcio

Idade: 46 anos

Sexo: Masculino

Estado civil: Casado

Primeiro curso universitário: Engenharia de Alimentos

Universidade: instituição pública do interior do estado de São Paulo

Segundo curso universitário: Psicologia

Universidade: instituição particular da cidade de São Paulo

Contexto familiar

Entrevistado: *Eu venho na verdade de uma família muito simples, muito humilde. Ninguém tinha curso superior na família, enfim, era de uma situação bem delicada até financeiramente falando mesmo.*

Entrevistado: *Era uma questão de honra para a minha família, eu e o meu irmão, que nós íamos fazer faculdade de qualquer jeito. Tem que ser médico, advogado, engenheiro. Eu tinha que fazer qualquer coisa, desde que fosse Medicina, Direito ou Engenharia. Então isso foi uma certa crise assim em casa. Meu irmão acabou entrando em Engenharia e ficou aquela coisa, então o orgulho da família, primeiro neto assim na faculdade, tal, foi uma coisa.*

Entrevistador: *Você tem apenas um irmão?*

Entrevistado: *Meu irmão é mais velho e fez Engenharia Elétrica...*

A precariedade financeira da família de Lúcio parece ter contribuído para que sua família almejasse um futuro melhor para os filhos. Nesse sentido, a decisão de que fizessem uma faculdade foi imperativa. A posição da família a respeito dos cursos que poderiam cursar explicita uma rigidez e uma visão cristalizada em relação a essas profissões como possibilidades únicas de sucesso financeiro.

Circunstância da escolha do curso universitário

Entrevistado: *... desde moleque, eu vou te falar direto, eu não me lembro de entender porquê, eu quis fazer Psicologia. E lá pelos 12 anos – 13 anos eu comecei a falar em fazer Psicologia.*

Entrevistado: *E quando eu falei em Psicologia o negócio ficou meio feio. Isso não é carreira, isso não dá futuro...*

Entrevistado: *Se eu entrasse em Psicologia ia tomar uma surra dos meus avós e dos meus pais. Então foi um conflito muito grande, foi difícil.*

Entrevistador: *Mas você já pensava nisso com 12 anos?*

Entrevistado: *Já, desde assim muito pequeno, não me lembro muito bem porquê. Chegava a ler coisas de curioso. Tinha uma curiosidade muito grande por isso, entender o ser humano, essas coisas. Bom, mais aí não tinha jeito. Na época que eu fiz vestibular eu cheguei até fazer o vestibular para Psicologia. Mas ao mesmo tempo eu fiz*

o vestibular para Engenharia de Alimentos e eu passei. Que na verdade é a menos engenharia, tem muita biologia, é, das engenharias, a menos engenharística. Hoje você tem também ambiental, bioquímica, mas na época... Alimentos era uma coisa meio nova, tinha em poucas universidades, hoje tem, na época não tinha. E foi legal porque eu saí de casa.

Entrevistado: *...Estudar no interior também foi uma escolha para poder sair de casa e morar sozinho, fui viver a minha vida. Enfim, foi legal, fui um bom engenheiro, tenho artigos até publicados como engenheiro. Especializei-me, você não vai acreditar, em ovo desidratado, em ovo em pó. Minha primeira especialização foi em embalagens, depois acabei me desenvolvendo numa empresa de ovo em pó. Tenho artigos nessa área que é uma coisa diferente. E foi legal, assim legal, eu vivi.*

Havia uma clareza para Lúcio em relação ao seu interesse profissional desde muito jovem. No entanto, sua vontade teve de ser colocada em segundo plano nesse momento e o interesse da família acabou prevalecendo. Ao optar pela engenharia de alimentos, Lúcio adere ao desejo da família em detrimento ao seu e a inautenticidade dessa escolha parece impor a necessidade de afastamento da família, decidindo realizar o curso numa cidade do interior do estado de São Paulo. A engenharia escolhida também denota uma tentativa desviante da objetividade e concretude presente nas demais engenharias.

Vivência na profissão escolhida

Entrevistador: *Mas como foi fazer a faculdade de engenharia?*

Entrevistado: *Muito gostoso, morando em república, uma grande festa, eu diria. A faculdade era puxada, tinha aula o dia inteiro, tinha aula das 8 da manhã às 5 da tarde. Eu fiz muitos amigos, todo mundo de fora, então a maioria não era da cidade em que estudei. Então você acaba se unindo a todo mundo. Você faz amizades muito fortes que eu tenho até hoje. Amizades que eu não tenho na Psicologia. Tenho até alguns, mas ficaram muito mais da engenharia. Engenheiro é mais corporativo. Daí trabalhei em multinacional, enfim, trabalhei em grandes empresas.*

Entrevistador: Como foi o seu trabalho de engenheiro?

Entrevistado: Eu entrei numa grande empresa multinacional como estagiário e aí fiquei. Lá eu fazia assistência técnica na área de embalagens. E da parte de assistência técnica já era uma carreira você partir para vendas, só que vendas técnicas, na verdade. A empresa, pelo menos naquela época, não tinha um vendedor, eram todos engenheiros que davam consultoria aos clientes. E você passa a ser um consultor dos clientes. No fundo, vendedor. Aí fiquei lá um tempão, tinha uma série de regalias da empresa e tudo. Aí fui demitido, teve uma crise brava.

Entrevistado: Eu era o mais novo da turma, mas era uma turma só de engenheiros. Você era gerente das suas próprias contas. Eu tinha alguns clientes e administrava aqueles clientes e prestava contas à diretoria. Nessa empresa eu fiquei três anos...

Entrevistado: ...eu era moleque tinha 25 ou 26 anos e a maioria tinha 40 anos. Então a escolha óbvia fui eu, fui mandado embora numa boa assim, foi explicado, foi conversado e fui mandado embora.

Entrevistado: Fiquei um tempo desempregado, aí dei aula, eu estava fazendo a Psicologia. Eu fiquei um ano dando aula de matemática, física, química essas coisas de engenheiro. Dei aulas em escolas de apoio. Eu ganhava pouco, mas me divertia. Foi legal, pois já fui tendo contato com pessoas, quer dizer, aula particular, você fica cara a cara com o aluno, já com um olhar da Psicologia fica diferente. Você se identifica com a dificuldade mesmo daquele aluno, não na matéria em si, mas na dificuldade mais profunda que ele está falando ali.

Entrevistado: ... logo depois, eu entrei em outra empresa e foi lá onde eu fiz o ovo em pó, estava começando a entrar no Brasil. Eles foram com a minha cara, me contrataram e lá eu fiquei bastante, lá eu fiquei uns sete ou oito anos, mais ou menos. Lá eu comecei como técnico e fui parar com vendas, mesma coisa que na primeira empresa. Não adianta, acho que era o meu jeito, até porque vendas você fica fora da empresa. Se eu ficar num escritório o dia todo, eu enlouqueço. Eu comecei na área técnica, enfim, dando assistência técnica aos clientes, os caras não sabiam usar aquilo. Então você ia para as empresas, tinha que ensinar a usar, passar o dia no chão de fábrica. E

daí para você fazer a venda disso é um pulo. Acho que eu tenho essa facilidade e aí virei vendedor, aí já era comissionado. Aí eu ganhei muito dinheiro, comprei minha casa. Isso torna cada vez mais difícil você largar a engenharia, não dá. Aí me casei quando tinha uns 30 anos, casei, juntei. Então fica difícil você largar a engenharia, mas aí me encheu o saco também, eu não consigo ficar parado muito tempo. Aí eu pedi as contas, na verdade eu fiz um acordo e fui demitido, eu me dava muito bem com a japonesada lá, era uma empresa japonesa. Fui trabalhar numa fábrica de pão de queijo.

Entrevistador: Mas houve alguma razão para você sair?

Entrevistador: Eu sei por que, porque eu perdi a autonomia. Eu tinha uma autonomia sobre a equipe muito grande, aí sim eu cheguei num cargo de gestão bem elevado, tinha uma equipe grande. Foi aí que eu comecei a fazer o MBA. Mas então eu cheguei num ponto que eu tinha muita autonomia, respondia diretamente a um dos donos. Só que essa empresa foi vendida e houve uma mudança na diretoria, eu fiquei, não fui demitido. Aí perdi a autonomia, falei, “quer saber, vou embora.”

Entrevistado: Aí fui trabalhar numa fábrica de pão de queijo, mas foi meio um quebra galho, fui como consultor, fiquei quatro meses fazendo pão de queijo e me diverti. Então fui demitido numa sexta e na segunda já comecei no pão de queijo. Eu liguei para os meus clientes e falei, “olha estou saindo”. Aí o cara do pão de queijo, que era meu cliente, falou, “então amanhã você começa comigo”. Aí fui para lá direto. Mas eu falei, “olha, não quero nem fazer contrato porque eu não vou ficar aqui muito tempo”. Fiquei um tempo, aí fui chamado para uma empresa nacional, fazia embalagens plásticas, que era minha especialização. E nessa empresa, eu cheguei com um super status assim, respondi diretamente ao presidente que era um grande empresário muito conhecido. Enfim, eu respondia a esse empresário de Curitiba, tinha o maior status, tinha carro, celular. Na época um celular da empresa... Foi a pior coisa que eu fiz na minha vida porque aquilo era um inferno. Aqueles curitibanos são tudo louco, cara, pelo amor de Deus. Eu vivia em Curitiba, nossa nisso eu durei dois anos. Aí eu falei “chega!”.

Entrevistador: Você se sentia bem trabalhando?

Entrevistado: Não, não gostava. Ah, é estranho Psicólogo falar isso, mas lidar com pessoas é difícil. O ambiente corporativo não é para mim. Eu adoro lidar com pessoas,

é claro, mas aquela luta corporativa, para mim, me enchia a paciência. A politicagem, aquela coisa cansa viu!

A vivência no curso de engenharia não parece ter sido frustrante em razão de não ter sido sua escolha genuína. A faculdade parece ter sido um período descontraído de convivência intensa e de estabelecimento de fortes laços de amizade.

Logo no início de sua vivência profissional como engenheiro, a Psicologia insiste em chamá-lo. Dessa vez, de posse de seus próprios recursos financeiros, ele ingressa na faculdade de Psicologia e toda sua experiência profissional como engenheiro passa a estar entrecortada pela Psicologia.

Em seu percurso como engenheiro, é possível apreender alguns movimentos de Lúcio: uma preferência pela atuação frente aos clientes, prestando esclarecimentos sobre os produtos em detrimento de uma atuação dentro do escritório da empresa. É possível verificar algumas demissões que podem indicar certa fragilidade na interação com o ambiente empresarial. Logo após a primeira demissão, surge a ideia de ministrar aulas particulares e essa vivência parece ter sido extremamente prazerosa, ainda mais por ter ocorrido durante o curso de Psicologia. O seu trajeto nas organizações parece ter sido vivenciado de forma penosa na maior parte do tempo, embora tenha também demonstrado lampejos de satisfação, quando pôde expressar seu lado intelectual, com a publicação dos seus artigos.

A Psicologia sempre esteve presente como pano de fundo ao longo de praticamente treze anos de atuação como engenheiro, a significativa remuneração, que sempre se fez presente e o objetivo maior de exercer profissionalmente a Psicologia no futuro parece ter fornecido sentido à carreira de engenheiro.

A escolha da Psicologia

Entrevistado: *Me formei em engenharia, mas aí eu tinha um ano de formado, estava trabalhando, já voltei para São Paulo e prestei Psicologia.*

Entrevistado: *Então eu fazia a faculdade a noite, trabalhando como engenheiro de dia. Eu precisava ganhar dinheiro, minha família não... e muito criticado ainda, vai fazer uma faculdade, faz Administração... A própria empresa que eu estava me enchia o saco, “vai*

fazer Administração que a empresa paga, Psicologia agente não paga”. Então tá. Então foi meio complicado, mas enfim, estava trabalhando ganhando o meu dinheiro.

Entrevistador: E você conseguiu? Porque geralmente como executivo se trabalha muito...

Entrevistado: Faltei muito, viajava muito, mas dei um jeito, dei um jeito e completei. Então, aí terminado o curso de Psicologia eu não fui para a Psicologia, eu continuei em engenharia. Eu continuei trabalhando normalmente. Não dava para largar, não dava. Fui fazendo um curso aqui e um curso ali, mantive um consultório, uma salinha no fim de semana para manter o pé e fui mantendo, fui levando.

A entrada na Psicologia, um ano após a conclusão da engenharia, aparece em sua história como o momento de consolidação de sua autonomia. Mesmo sofrendo pressões da empresa para fazer outro curso, não poderia permitir novamente uma intromissão sobre seu desejo. Parece ter realizado o curso com dificuldades, devido à intensidade do trabalho e pela necessidade de viagens constantes. Mas demonstrou persistência para concluir o curso, explicitando a importância dessa formação para sua trajetória de vida. Interessante notar que, após a sua conclusão, Lúcio também inicia sua vida profissional como psicólogo clínico, atendendo esporadicamente aos sábados. É de se notar uma insistência dessa aproximação com a Psicologia como que para lhe fornecer oxigênio para a atuação na vida corporativa.

Como ocorreu a concretização da mudança de carreira

Entrevistador: Você vinha pensando que, em algum momento, iria romper com a engenharia?

Entrevistado: Sim, com certeza, estava mantendo um pé na Psicologia.

Entrevistador: Qual era a sua idade quando realizou esse rompimento?

Entrevistado: Deixa eu ver, estou com 46, 34 ou 35, por aí. Aí já estava casado, tinha carro, tinha casa, tinha tudo, eu tinha já uma segurança financeira. Eu tinha uma reserva financeira, então eu falei, “eu posso ficar aí um ano”. Eu sentei com a minha esposa e agente conversou muito.

Entrevistador: Ela trabalha?

Entrevistado: Trabalha, ela é funcionária pública. Então a gente brinca, eu sou o aventureiro da família e ela é o pé no chão. Ela é funcionária pública, tem um salário fixo, garantia de estabilidade, enfim. Então, depois de muita conversa, eu falei, “eu vou me arriscar”. Aí fui demitido da última empresa em que atuei, na verdade, eu cavei o pênalti. Eu briguei com um diretor lá e cavei o pênalti. Também eu sou meio esquentado e não sou muito fácil, e era um italiano que mal falava o português e agente bateu boca e foi ótimo, fui demitido no dia seguinte. Eu já estava, na verdade, me associando com um cara, naquela época, que foi meu sócio durante muitos anos. Ele tinha uma escolinha de aulas particulares, ele era professor, o melhor professor que eu conheci na vida, dava aula de todas as matérias e ele queria expandir e falou, “eu preciso de um Psicólogo porque a demanda é muito grande”. Então agente se associou. Ele tinha um movimento super grande então ele falava, “eu preciso de um sócio”. Agente era amigo na verdade, faz tempo, agente já se conhecia há muito tempo. E ele falou, “meu vem para cá! Larga esta porcaria e vêm pra cá, agente se associa”. Aí eu falei, “vamo embora!” E aí foi. Então eu comecei, na verdade, na escolinha fazendo orientação profissional. Porque era uma demanda muito grande que ele tinha. E eu tinha feito essa matéria, a faculdade fornecia esta matéria como optativa. Depois eu comecei a fazer essa OP e comecei a fazer OP nas escolas. Porque esse meu colega tinha muito contato, ele conhecia todas as escolas, enfim. Ele era um cara muito querido pelas escolas então a gente oferecia um pacote de orientação profissional, para fazer orientação profissional no local.

Entrevistado: Então eu fiquei conhecido nas escolas. E as escolas começaram a me mandar muita gente. E aí foi, quer dizer, eu em um ano eu já estava com um ganho não compatível com o que ganhava na engenharia, mas eu diria que para mim estava satisfatório. Em um ano eu já estava com um ganho...

Entrevistado: Isso só no consultório?

Entrevistado: Na escola, na realidade, eu ganhava pouco, a ideia na escola era agente se promover. Claro, tinha um lucro, mas a ideia de ir para as escolas era ficar conhecido. Tanto que hoje as escolas colocam OP na grade então não estou mais nas escolas. Porque a escola põe um professor na grade, põe uma matéria lá chamada de Projeto de Vida, enfim, dá o nome que você quiser pra matéria e a OP entra na grade

desde o primeiro colegial. Quer dizer, essa proposta de grade eu já tive, mas eu não quis ficar preso a uma instituição, para mim não dá. Já tive escolas aqui que me chamaram para fazer isso na grade, mas eu não suportaria ficar numa instituição novamente.

Ao adquirir uma situação financeira considerada suficiente, Lúcio decidiu romper com a atuação profissional como engenheiro e passou a se dedicar integralmente no exercício da Psicologia. O apoio da esposa também parece ter sido importante nessa virada profissional.

Lúcio lançou-se na tentativa de viabilizar financeiramente a atuação como psicólogo num prazo relativamente curto. O encontro com seu sócio constituiu um momento decisivo para Lúcio, pois o fato de possuir penetração em escolas importantes de São Paulo lhe possibilitou o exercício da psicologia em larga escala, juntamente com a divulgação de seu trabalho. Tudo isso lhe permitiu viabilizar a atuação clínica em seu consultório particular no período surpreendente de apenas um ano.

Ser Psicólogo

Entrevistado: *Então é o que eu falei aqui eu tenho um ganho menor, mas eu sou o rei do meu castelo. Aqui o consultório é meu, não é nem sublocado, aqui mando eu, tenho a minha secretária. Eu acho que é um pouco isso, de ter essa autonomia, pra mim é muito importante.*

Entrevistado: *E não tem comparação, sou muito feliz hoje como Psicólogo, muito feliz, muito feliz, como Psicólogo clínico. Acabei me especializando em adolescência, fiz um curso de dois anos, porque, na realidade, você começa a lidar com estudante, é tudo adolescente, OP. E hoje eu só atendo adolescente, fiz uma especialização de dois anos.*

Entrevistador: *Você segue alguma linha?*

Entrevistado: *Então, hoje eu faço formação em Winnicott. Eu fui Freudiano muito tempo desde a faculdade e, na verdade, eu fui aceito em formação no finzinho do ano passado. Eu acho que para adolescente Winnicott é perfeito. Eu acredito que Freud*

para adolescente não dá, é muito rigoroso. Winnicott é muito mais maleável, a coisa do holding. Se você mantém um setting muito restrito com adolescente ele não fica. Por isso que eu fui para o Winnicott, então meu sonho agora é essa formação que vai demorar quatro anos.

A prática da psicologia clínica surge como uma abertura que possibilita, a Lúcio, um novo modo de ser, genuíno e libertador. A remuneração, mesmo que inferior à que ganhava como engenheiro, não parece surgir como uma questão central. A possibilidade da autonomia do consultório próprio, livre das amarras de qualquer instituição, parece conferir, a Lúcio, outro aspecto de extrema relevância. Sua satisfação com a prática do exercício clínico parece nortear o sentido central de sua existência.

Análise do sentido: a trajetória de mudar de carreira (impressões, percepções e sentimentos a partir da compreensão do pesquisador)

Novamente, após uma primeira compreensão descritiva dos focos de análise, serão desenvolvidas algumas possíveis considerações analíticas na busca do desvelamento de sentidos da trajetória profissional de Lúcio.

Aos doze anos de idade, algo já tocava Lúcio em direção à Psicologia, e esse interesse parece ter persistido até o momento do vestibular. O contexto familiar, em meio à vivência de uma situação financeira precária, implicou em a família garantir que os dois filhos fizessem uma universidade. Tais condições parecem ter influenciado diretamente na escolha, por parte da família, dos cursos que seriam mais adequados para os filhos. A restrição das opções entre os cursos de Engenharia, Medicina e Direito visava, a princípio, garantir, aos filhos, melhores oportunidades de inserção social, mas em contrapartida, parece ter sido orquestrada de forma unidirecional, isenta de diálogo e baseada numa visão cristalizada a respeito dessas profissões. Esse movimento intermediado pela família parece ter inserido Lúcio em uma culpa existencial, situando-o num ficar-a-dever, pois o afasta da Psicologia na medida em que escolhe a Engenharia de Alimentos.

É por isso que todos os sentimentos de culpa baseiam-se neste ficar-a-dever. Ficar-a-dever que é, se os senhores quiserem, a culpabilidade existencial do ser humano. Não há, conseqüentemente, nenhum

fenômeno da consciência humana que não deva e não possa ser entendido no fundo como um chamado e uma advertência para cumprir a missão humana de guardião e pastor de tudo aquilo que tem que aparecer, que ser, e que quer se desdobrar na luz de uma determinada existência humana. (BOSS, 1977, p. 39)

A decisão por fazer a faculdade de engenharia de alimentos no interior do estado de São Paulo demonstra uma necessidade de afastamento da família. Ao narrar esse trecho de sua trajetória, Lúcio expressa, no tom de sua fala, as dificuldades de vivenciar esse período, permitindo uma compreensão a partir do surgimento de um sentimento de não-ser que se instalou nesse período e teve de ser vivenciado no seu cerne para que, então, pudesse voltar a implicar o sujeito numa nova possibilidade de ser. A outra face desse abafamento parece ter impulsionado Lúcio em um processo de busca pela sua autonomia.

Suas vivências na faculdade de engenharia parecem ter sido permeadas pela elaboração desse luto existencial e pelo estabelecimento de laços de amizades significativos. A referência de Lúcio a esse período destaca os momentos festivos e de compartilhamento de tantas vivências expressivas com os demais estudantes. As vivências de angústia e culpa não são relatadas em detalhes, mas situam-se no seu horizonte existencial nitidamente neste momento.

Com a conclusão do curso de engenharia, Lúcio consegue seu primeiro emprego em uma empresa multinacional. Esse fato parece lhe abrir uma importante frente, que é a conquista da sua independência financeira em relação à família. Após um ano formado, Lúcio ingressa na faculdade de Psicologia no período noturno, conciliando o curso com a atuação profissional como engenheiro. Esse fato se localiza como um resgate da sua possibilidade de vir-a-ser. Lúcio, nesse momento, agarra-se novamente a um sentido que permaneceu submerso e afastado de suas possibilidades ao longo da primeira universidade. É a partir dessa reapropriação existencial que Lúcio parece conseguir caminhar durante toda a sua vivência profissional como engenheiro.

O seu lançamento na vivência da faculdade de Psicologia parece ter sido intenso e concomitantemente atribulado. A vastidão de exigências do trabalho impôs um ritmo de estudo limitado e destoante do seu interesse. Em meio a essas dificuldades, esteve presente uma mobilização focada e assertiva em concluir o curso. Nem mesmo o fato de a empresa não apoiar a sua opção pela graduação em Psicologia ecoou em sua

atitude, pois ele estava ali, sob a clareira que lançava luz na direção do seu percurso a trilhar. Ao finalizar o curso, ele também inicia sua vivência profissional como psicólogo, atendendo seus pacientes aos finais de semana. Ao referir-se sobre sua intencionalidade nesses atendimentos esporádicos, Lúcio afirma que pretende se apropriar do fazer clínico e demarcar seu interesse em romper com a engenharia e dedicar-se integralmente a Psicologia.

Sua vivência profissional como engenheiro de alimentos não encontrou vazão para a completa expressão do seu ser, parece ter sido tolhida e vivenciada de forma penosa. Alguns lampejos durante esse percurso conferiram sentido a este fazer: o manejo com os clientes, o desenvolvimento de novos produtos, a possibilidade de escrever artigos e, conseqüentemente, permitindo vir à tona seu lado intelectual. Entretanto, o sentido mais amplo dessa vivência parece estar situado na possibilidade futura de exercer a psicologia a partir do alcance financeiro ao ponto em que considerava suficiente para assumir o risco de mudar. O ambiente corporativo e todas as suas implicações políticas confere, a Lúcio, possibilidades limitadas de expressão. A questão da autonomia de trabalho, livre das restrições impostas por qualquer instituição, surge em toda a sua fala com um peso significativo. Os diversos rompimentos com as empresas por onde passou parecem ilustrar esse desconforto contínuo e um aumento da pressão da culpa que premia por este vir-a-ser.

A mudança para a Psicologia não ocorreu sem antes introduzir Lúcio a outro dilema existencial, pois, ao mesmo tempo em que seu objetivo era a atuação clínica como psicólogo em detrimento a atuação nas empresas, os ganhos financeiros representativos como engenheiro questionavam essa mudança. É possível buscar uma compreensão sobre esse fenômeno a partir da constituição do Dasein, que, na sua essência, está concentrada no cuidado. Ou seja, o Dasein cuida do seu ser, da sua existência. Esse cuidado pode ser entendido desde a sua auto-preservação como da conjectura de abertura na trama de sentidos para novas possibilidades de ser. Por isso a emergência desse conflito existencial.

A partir do respaldo financeiro alcançado e do apoio da esposa, Lúcio parece estar liberado para empreender seu grande objetivo. O estabelecimento da sociedade com o amigo educador para atuar com orientação profissional parece ter sido decisivo para deslanchar sua atuação como psicólogo. O fato de o amigo conseguir articular a inserção de seu trabalho em escolas de elite de São Paulo determinou um nicho específico de atuação e favoreceu sua visibilidade. Sua atuação profissional como

psicólogo clínico, especialista em adolescentes, ao longo dos últimos dez anos, demonstra seu êxito nessa trajetória profissional. Quando menciona o prazer de atuar como psicólogo clínico, livre das amarras institucionais, dono do seu próprio reino, como ele mesmo diz, fica evidente o caráter libertador de sua escolha.

Dados de Identificação

Nome fictício: Paulo

Idade: 40 anos

Sexo: Masculino

Estado civil: Solteiro

Primeiro curso universitário: Administração de Empresas

Universidade: instituição particular da cidade de São Paulo

Segundo curso universitário: Psicologia

Universidade: instituição particular da cidade de São Paulo

Contexto familiar

Entrevistado: *Eu venho de uma família de advogados com uma tradição no mercado financeiro.*

Entrevistado: *... o meu avô foi o braço direito de um grande banqueiro. Ele chegou a ser estagiário do meu avô, ele levava o meu pai para a escola. Minha avó foi meio que madrinha dele. Então dentro do mercado financeiro o meu sobrenome ecoava. Eu acho que eu consegui usar bem isso porque eu nunca me identifiquei com isso, eu sempre me distanciei, mas eu falei: bom isso é um passe para uma série de coisas...*

Entrevistador: *Os teus pais, você fala?*

Entrevistado: *Não, a família quatrocentona, coronel e advogado. Meu pai é médico, cardiologista que tem uma carreira brilhante, ele se fez sozinho literalmente.*

Entrevistador: *Você é de São Paulo? Estudou em São Paulo?*

Entrevistado: *Eu sou de São Paulo, mas isso tudo foi no interior de São Paulo. Eu mudei para o interior quando era pequeno e saí de lá com dezessete anos.*

Entrevistado: *Era uma cidade típica do interior do estado de São Paulo. Na época tinha cem mil habitantes, hoje deve ter cento e trinta mil.*

Entrevistado: *Mas, o que eu me recordo claramente, com sete anos de idade eu me mudei da escolinha para a escolona, nessa escola eu tenho essa cena muito viva eu subindo uma escada para ir para uma das quadras de educação física com plena consciência de que eu existia, sabe. Uma coisa assim, bom aqui estou eu entrando na primeira série... Eu sempre fui assim muito cabeçudo, eu sempre pensei muito. Interessante que o que havia de contorno real do meu pensamento era aquele lugar. Daí o que eu pensava em termos mais da imaginação, da fantasia, da brincadeira, da abertura isso não tinha fronteiras. Então isso foi uma coisa bacana porque me tirou de uma mediocridade maior, me tirou um dia daquela cidade.*

Entrevistador: *Você gostava de viver lá?*

Entrevistado: *Eu abominava aquilo. É uma cidade que teve uma estória de muita riqueza, as casas da década de vinte e trinta ainda existem, são lindas, bem impressionantes. E era uma cidade que funcionava, sabe. Quando lembro da minha vida na cidade, eu sozinho lá, fazia o que eu queria, saía para andar de bicicleta de noite para encontrar os meus amigos, não era nenhum drama. Coisa que alguém da mesma idade em São Paulo não poderia fazer. Mas eu não gostava de uma coisa, eu sempre era o filho do... E as pessoas eram os filhos dos... A maioria dos meus amigos era chamada pelo sobrenome e não pelo nome. E tem uns sobrenomes gigantescos e é engraçado quando eu encontro alguém no Facebook eu falo nossa cabe três linhas no sobrenome: Lourenço Prado de Barros Toledo Arruda Botelho Camargo, não combinam os nomes, sabe. Uma coisa que parece que teve muito casamento em família. Enfim, eu odiava as pessoas.*

Entrevistado: *A cidade eu tinha uma relação muito bacana de ir para alguns lugares que eu gostava, tinha o espaço que era bacana, o clube era bacana, sítio, fazenda, chácara, sorveteria. Mas a população me incomodava. É engraçado eu agora com quarenta anos estou retomando contato com pessoas que eu odiava. E é engraçado ver*

que a lembrança que elas têm de mim é muito diferente da lembrança que eu suponha que elas teriam. Isso está sendo bacana assim... Está sendo muito libertador nesse momento.

Entrevistado: Agora foi uma cidade que ao mesmo tempo me despertava muita persecutoriedade, mas me colocava numa condição reflexiva muito intensa. Não que a cidade tenha despertado isso, mas a combinação de mim naquele momento com essa cidade, com essas pessoas, com essa família, com essa loucura me fez entrar em contato com as letras, principalmente. Então, assim desde moleque eu leio, eu fui alfabetizado muito precocemente pelo meu pai. Então, assim, eu era um moleque que ia para a praia e levava uma mala de livros, então assim nessas férias eu vou ler Monteiro Lobato, levava tudo que tinha de Monteiro Lobato e um do Nelson Rodrigues escondido. É engraçado uma outra coisa, que a sexualidade também tinha um papel muito forte pra mim da imaginação, da fantasia, Nelson Rodrigues. Eu aprendi muita coisa lendo Nelson Rodrigues quando era moleque, foi uma coisa assim de pegar um livro com um nome esquisito na biblioteca do meu tio e devolver mil anos depois.

Entrevistador: Quando você fala da família quatrocentona, do que você está falando?

Entrevistado: Todo mundo tem um sobrenome...

Entrevistador: O seu pai não nasceu lá, nasceu?

Entrevistado: Não, nasceu em Lins. Mas a minha família é quatrocentona. No sentido de que o sobrenome foi criado há muito tempo, tem uma história política. A estória do Nelson Rodrigues tem um sentido que me chamou atenção num de seus livros, quando eu peguei assim, “o que é isso?” Eu abri e a primeira frase que eu li é assim: “beijarei o punhal que matar P. M.”, eu falei assim: “Opa! Como que é isso?” O meu sobrenome e a estória, ele estava se referindo a uma figura da minha família que era um político gaúcho que foi de fato apunhalado. E esse peso do nome da família se estende, se carrega de uma forma muito perniciosa. Eu já tive assim primos que enlouqueceram por conta de não ter espaço para ser. De tanto..., tinha que caber todos os personagens da família lá dentro. Isso é uma coisa engraçada assim, o meu pai como ele se colocava como personagem principal então eu fui tomando conhecimento dos personagens públicos depois. Mas, por exemplo, a tia do meu pai tem uma sala inteira no museu da aeronáutica do Ibirapuera para ela. Então tem umas figuras célebres e tal. Mas isso

pesou menos do que o peso paterno. Minha questão é assim muito ligada à paternidade.

Entrevistador: E a sua mãe?

Entrevistador: A minha mãe dessa cidade em que moramos, filha de italianos. Meu avô era ferreiro de profissão. Ele tinha uma fundição, ele trabalhava com ferro, morava numa casa gigantesca, tinha lá um pomar enorme, era um lugar bacana para brincar. A minha mãe, ela não fez faculdade, ela fez o curso normal, ela foi professora de primário por muito tempo e depois chegou uma hora ela parou de trabalhar e ficou só administrando a família. Minha mãe não foi uma pessoa que me apoiou nesse âmbito profissional, nunca me estimulou a fazer alguma coisa. Ah, putz, eu gosto de desenho ou gosto de piano... Ela falava ah, tá. Não tinha assim, então toma aqui o lápis e o papel... Então era uma pessoa muito amorosa, muito cuidadosa que tentava administrar a relação do meu pai com os filhos e em certa medida criava esta relação também. Profissionalmente, ela nunca teve nenhum papel significativo. Não é uma pessoa que eu associo a uma decisão profissional, exceto que, quando eu terminei a faculdade de Psicologia, ela falou uma coisa que foi muito importante ouvir que tinha a ver com assim reconhecer o valor, meio que me batizou de adulto. Eu acho que ela de todo modo sabe, ela sempre me propiciou a ilusão necessária para eu sobreviver. Quando eu vi o “Labirinto do Fauno” eu me identifiquei muito, era essa intensidade, tanto da forma como vivia a cidade, e a relação com o meu pai e a família dele. A família da minha mãe era onde eu ia brincar. O meu avô, pai do meu pai para você ter uma idéia, a primeira vez que ele dirigiu a palavra para mim eu tinha vinte e três anos. É foda, né!

Entrevistador: Mas por quê?

Entrevistado: Sei lá, loucura familiar, pensando mitologicamente... A Psicologia surgiu pela mitologia para mim. É com o mito de Saturno. Saturno, Urano e Júpiter. O avô, o pai e o filho. E o pai castrou o avô e comia os filhos e Júpiter foi o que conseguiu enganar o pai e quebrou a cabeça dele com um machado. Esse mito sempre me deixou muito... imagens fortes e totalmente masculinas... Mas essa coisa de abrir a cabeça do outro na porrada, era um pouco como eu me via, eu me via muito como até o Júpiter bebê que foi mandado para outro lugar para ser criado em outro lugar, com outra família, e eu fui para os Estados Unidos... Sabe quando você vai se identificando muito com a estória arquetípica, isso é uma coisa muito importante pra mim. E também chega

uma hora que Júpiter precisa quebrar com tudo aquilo que foi criado para proteger, porque ele começa ficar grande e desengonçado pro lugar onde ele está. Então, assim, eu associo muito isso com a minha saída da cidade, com a coisa de vir para São Paulo.

Ao apresentar seu contexto familiar, Paulo explicita questões sobre sua infância e adolescência ao narrar sua vivência com a família e sua relação com a cidade no interior do estado, cidade onde viveu até os seus dezessete anos.

Um tema marcante para Paulo parece situar-se no peso que representa o sobrenome da família de seu pai. A partir da relação atribulada com o pai, esse peso associado ao seu sobrenome parece ter adquirido contornos, que se refere à falta de espaço para ser, como marca de muitos personagens da família paterna, que acabaram enlouquecendo. A ilustração que faz uso da mitologia para expressar a relação entre avô, pai e filho, explicita o autoritarismo do pai e um filho que clama por flexibilidade e abertura para o diálogo, além de apresentar a inexpressividade do avô. Paulo não destaca sua mãe como incentivadora de seu desenvolvimento profissional, apenas concede a ela um lugar de intermediadora de sua relação com seu pai.

A respeito de sua relação com a cidade, Paulo possui imagens marcantes guardadas de períodos da infância de grande reflexão. Demonstra ter sido uma criança introvertida, adepta a leitura e com grande curiosidade. Ao descrever a cidade, ficava admirado pelas construções e pela liberdade que possuía em relação ao espaço. Quando narra sua relação com as outras crianças da cidade, surge seu desconforto, novamente, com a questão dos sobrenomes, da referência da filiação “nobre” e o fato de ocupar uma posição privilegiada da sociedade, que concede, a esses indivíduos, pela sua influência, um suposto grau superior.

Circunstância da escolha do curso universitário

Entrevistado: *Na quinta-feira eu fui jantar com uns amigos, eu tenho 40 anos e tenho amigos que variam de todas as faixas etárias. Mas tenho um amigo de quase 50 anos e sempre a gente se encontra para falar de trabalho, enfim. Eu lembro que estava conversando com ele e comentei que uma lembrança assim marcante que foi quando entrei no colegial e um dos professores virou e falou assim, “você tem que ter isso em mente na hora de vocês escolherem a opção do vestibular”. E eu pensei assim, “o que*

este cara está falando?” Eu fui tomar conhecimento internamente que a gente faz uma escolha no vestibular quando eu estava no colegial.

Entrevistado: ... E desde que eu nasci o mundo era uma preparação para que eu me tornasse médico.

Entrevistador: Você tem irmãos?

Entrevistado: Eu tenho duas irmãs que passaram pela mesma coisa, só que como eu sou o mais velho eu meio que abri o mar, certo. Mas foi uma coisa incrível eu perceber isso, perceber que havia escolha, na minha realidade psíquica isso era uma coisa que não existia, simplesmente. Não sei se estou conseguindo deixar claro do que eu estou falando. Sabe, eu me lembro de um livro do Luis Cláudio Figueiredo em que ele fala da privatização da subjetividade. Foi algo assim, era como se eu fosse um morador de um feudo que tem lá uma posição que é dada pela vida e que é imutável, e que todo o olhar e todo pensamento e toda fala parte desse núcleo. E foi muito desorganizador pra mim quando eu soube que, no vestibular, a gente escolhia uma coisa. Eu descobri isso com 14 anos, alguém deve ter falado antes, mas era como se fosse outro idioma que eu nem entendia e nem parava para pensar. Eu prestei mais de dez vestibulares para Medicina.

Entrevistador: E você foi ser médico então?

Entrevistado: Era uma coisa evidentemente muito forçada, muito autoritária e era meio como uma condição de sobrevivência. A coisa chegava num limite muito de vida ou morte, era uma coisa meio trágica. E eu acabei prestando não sei quantos vestibulares, fui para muitos lugares prestar vestibular de Medicina. Evidentemente eu não passei em nenhum e daí a angústia que veio em seguida era... eu não tenho a menor ideia do que significa não ser médico. O que eu sou? O que eu vou ser? Eu não tenho a menor ideia. E ao não ter a menor idéia, a primeira idéia acaba sendo muito melhor do que o vazio. Daí eu fui fazer Administração de Empresas. Eu já não sabia exatamente o que era Medicina e se ao menos o meu pai tivesse dado abertura para eu não ser cardiologista ou cirurgião, olha tem a psiquiatria, tem neurologia tem qualquer outra coisa menos agressiva... do ponto de vista daquela coisa de rasgar o corpo, talvez eu tivesse me interessado, não houve. Mas também um amigo meu italiano fala: bom, mas se minha avó tivesse nascido de quatro rodas seria uma Ferrari.

Entrevistado: *Toda essa estória está muito ligada à cidade pequena, lá meu pai tem poder, respeito profissional e um poder imaginário. Mas respeito profissional ele tem, reconhecimento ele tem, tudo isso que dá lastro para a palavra dele. Tudo isso aconteceu comigo lá. Daí o meu primeiro plano quando eu me liguei dessa coisa, então quer dizer que dá para eu escolher, a primeira coisa que vou escolher é sair de casa, antes de qualquer coisa eu saí de casa. Saí com dezessete anos.*

Entrevistador: *Você saiu para fazer faculdade?*

Entrevistado: *Não. Eu fui atrás de um programa de intercâmbio, eu basicamente falsifiquei todas as assinaturas que precisava ter, até o momento em que tudo estava muito desenvolvido e daí eu fui falar com os meus pais. E eles toparam, até porque o único custo que eles iam ter era a passagem, eu consegui bolsa.*

Entrevistador: *E você conseguiu ir?*

Entrevistado: *Consegui, eu morei nos Estados Unidos. Eu fiquei direto um ano, daí eu voltei daí aconteceu toda estória de fazer os vestibulares de Medicina e daí depois eu fui fazer Administração.*

Paulo demonstra sua surpresa ao deparar-se com as escolhas na vida, destacando, no caso, o registro de estar frente à sua primeira grande decisão, o vestibular. A eloquência de seu pai na imposição da continuação de seus passos na Medicina parece ter ocorrido de forma arbitrária e inflexível. A decisão de refugiar-se nos Estados Unidos diz respeito à dificuldade em se manter um espaço de convivência com seu pai. Paulo parece situar-se em meio a uma relação de amor e ódio com seu pai, pois destaca a face da admiração por sua capacidade intelectual e o desprezo por sua intolerância. A Medicina surge, então, de forma impositiva, e seu desempenho nos vestibulares parece refletir sua insatisfação em relação a essa escolha. A Administração aparece como um paliativo, apenas como um substituto do vazio.

A faculdade e o exercício da profissão

Entrevistador: *Como foi a faculdade?*

Entrevistado: *Insossa. Eu era bom de matemática no colégio e era péssimo de matemática na faculdade. Eu nunca fiz o terceiro colegial, porque teve equivalência por eu ter estudado fora e, quando voltei, eu tinha equivalência, prestei o vestibular de Administração e entrei. Então eu não sabia cálculo diferencial, cálculo integral, um monte de coisa... Não sei o que é matéria de exatas no terceiro colegial e isso foi um prejuízo para mim. E a faculdade foi chata, eu repeti várias matérias, eu tenho um amigo desse tempo e que eu reencontrei há dois anos. Eu terminei a faculdade, sei lá, em 93, então demorou um pouco para reencontrar.*

Entrevistado: *Na faculdade eu fui reprovado em muitas matérias, quer dizer um curso que poderia ser feito em quatro anos acabou sendo feito em seis.*

Entrevistador: *Dentro das matérias tinha algo que te interessava mais?*

Entrevistado: *Direito e até depois cheguei a prestar. A Psicologia que eu tive na faculdade foi totalmente cognitivista, eu tive por um ano. Eu gostei bastante, me parecia algo mais úmido em meio a uma coisa muito seca.*

Durante a Administração eu fui prestar comunicação na mesma universidade, eu tentei uma transferência, mas não era possível e eu fui fazer o vestibular. Daí eu fiz o primeiro dia e no segundo eu não saí de casa, eu travei. Daí eu só fui prestar Direito, sei lá, muito tempo depois de ter terminado a faculdade.

Entrevistador: *Você começou a trabalhar cedo na faculdade?*

Entrevistado: *Na verdade eu comecei a trabalhar com treze anos.*

Entrevistado: *Fazendo o que?*

Entrevistado: *Eu era escravo. Eu tenho uma coisa interessante, estou com quarenta anos e dos meus amigos de quarenta anos eu sou o único que teve computador na adolescência. Então isso era interessante, meu pai sempre foi muito ávido por tecnologia e novidades. Então, quando eu tinha doze anos de idade, eu tinha um trambolho de um computador em casa e meu pai comprou pela novidade e eu era um*

periférico do computador. Eu era a interface dele com o computador. Então eu fiz um curso de programação de computadores com treze anos de idade. E daí, assim, numa cidade do interior, eu era um moleque de treze ou quatorze anos nerd de computador. Na escola ninguém acreditava que eu tinha um computador, que era coisa de ficção científica, praticamente. Eu até achei que fosse fazer muitos amigos por conta do computador e não fiz. Daí tinha o Atari que era muito mais interessante. Mas foi um caminho da construção da minha independência, porque daí quando eu fui trabalhar meu primeiro trabalho aqui em São Paulo, dentro da Administração foi numa corretora da bolsa de valores como estagiário. Detalhe foi contra a minha vontade e contra a vontade do diretor.

Entrevistador: Como assim? Você procurou o estágio, não foi?

Entrevistado: Não, é a coisa da máfia dos quatrocentões do interior. Era um banco da cidade onde minha família mora, que foi comprado depois por um grande banco internacional. Então assim, qualquer um que quisesse trabalhar nesse banco tinha muitas facilidades para entrar e eu tive, a ideia foi do meu pai, a contratação foi feita com um diretor executivo. E o cara que seria meu chefe não precisava de um estagiário, ele já tinha.

Entrevistador: Foi a sua primeira experiência de estágio?

Entrevistado: Nisso foi, eu já tinha trabalhado aqui em São Paulo em lojas de roupas em shoppings. Mas esse banco foi o primeiro lugar e eu fiquei três meses agonizando sem ter porra nenhuma para fazer, eu era ignorado pelo meu chefe. Então eu era assim, um corpo sentado numa cadeira. Aí chegou uma hora eu cheguei para o meu chefe e falei assim: “sejam os francos eu não gosto de você, você não gosta de mim, eu não sirvo para você e você não serve para mim, a gente não tem nada a ver aqui, então eu quero ir embora, mas para eu ir embora por conta do contexto que eu cheguei até aqui, eu preciso que você me mande embora”. E o cara arregalou os olhos quando eu falei isso, daí pela primeira vez ele começou a me perguntar: “nossa você não gosta daqui? É você não faz nada, mas o que você gosta de fazer?” Só aí que o cara foi se ligar que, como eu sou introvertido eu ficava muito quieto...

Entrevistado: Bom daí eu pensei desde os meus treze anos eu tenho experiência com computação. Daí ele falou assim, “tem uma área que está uma zona e se eu colocar

você nessa área para você organizar tudo, transformar tudo em sistema? É só que essa área é uma área de relações internacionais”. E eu falava quatro línguas estrangeiras além do português, aí já começava a ficar mais interessante. Daí eu fui para essa área era uma zona mesmo, eu fui me metendo naquela bagunça toda e aos poucos fui entendendo como as coisas funcionavam e fui transformando isso em processos, fui organizando até o momento em que a coisa ficou organizada demais e as falhas saltavam aos olhos de todo mundo. Daí, enfim, calhou que eu tinha uma chefe louca que tinha problemas com drogas, bebida e uma hora ela surtou comigo, com o diretor, todo mundo e sumiu. Aí a área ficou à deriva e eu era o único que sabia tudo lá dentro, nem o cara que era o diretor que tinha me botado nessa área sabia como a coisa funcionava. E isso tudo aconteceu no momento em que eu tinha conseguido uma entrada como trainee numa empresa que trabalhava com marketing. Daí os caras falaram “você não pode sair agora senão a gente está ferrado”. Daí me deram um salário super bacana, me deram uma puta autonomia e, nesse trabalho que eu fazia era uma coisa muito específica de investimento estrangeiro e eu era um dos dez caras que entendiam disso no Brasil. Ou seja, eu era um moleque especialista numa coisa super complicada e que tinha um peso muito significativo para um banco. Daí eu comecei a ser concorrido por outros bancos, meu passe foi super valorizado. Eu organizei a minha sucessão, eu fiquei um tempo e, nesse período, eu tive uma experiência muito bacana de gestão de pessoas. Porque foi uma coisa assim completamente da minha cabeça, mas, assim, não sei se agradou a todos, mas deu certo para todo mundo. Quando eu saí, tinha um cara para ficar no meu lugar e a equipe inteira sabia sobre todos os processos daquela área. Então eles podiam revezar, ajudar uns aos outros, podiam treinar outras pessoas...

Entrevistado: *Daí eu saí desse banco e fui para um banco estrangeiro que foi uma enganação. Fui contratado para fazer uma coisa e, na hora que eu entrei, o cara que me contratou falou assim: “nossa aquela idéia já era, mas agente pensa em outra coisa para você fazer. Você consegue imaginar isso?” E eu fiquei nesse banco durante um ano e meio ganhando muito bem, juntando grana para sair fora.*

Entrevistador: *Quando você fala de sair fora era somente desse banco?*

Entrevistado: *Não, era sair fora do contexto todo. A coisa de falar outras línguas pra mim sempre foi um...*

Entrevistador: Como você aprendeu?

Entrevistado: A minha avó era professora de inglês, o colégio que eu estudei no interior tinha um modelo muito interessante porque era o colégio da faculdade de filosofia, ciências e letras. Então eu tinha aula do currículo normal de manhã e a tarde eu tinha desenho industrial, marcenaria, filosofia, linguística, então foi um puta colégio. E inglês pra mim é minha segunda língua, é quase língua materna. Francês e espanhol eu me metia a besta. Mas quando eu morei nos Estados Unidos, eu tive francês no colégio e o francês de colégio americano foi o suficiente para eu entender francês. E daí, eu fui atrás de ler e de estudar por conta própria, fui atrás de fazer contato com franceses e me expor. Daí, depois de um tempo até fui para a Aliança Francesa e fiz lá uns dois anos. Eu estudei alemão no Goethe e não falo, tenho um alemão instrumental, mas nunca me desenvolvi. Daí quando eu saí desse banco estrangeiro eu fui para a França estudar Gastronomia, que eu achei que seria a minha saída porque eu gostava muito de cozinhar...

Entrevistador: Você já estava pensando em sair porque aquilo não te agradava?

Entrevistado: Eu já estava pensando em sair no dia que eu vi que eu passei na faculdade de Administração de Empresas.

Entrevistador: Mas o mundo corporativo te incomodava?

Entrevistado: Por uma série de pré-concepções me incomodava, eu acho que eu não tive uma experiência muito limpa porque fui trabalhar numa empresa da cidade da minha família, empresa pra mim era sinônimo dessa cidade.

Entrevistado: Daí, enfim, eu fui para França, fiquei na França odiei a França, adoeci na França, daí meu francês ficou impecável pelo menos. Foi um ano para eu me desprender do mercado financeiro e fazer outras coisas. E eu tinha a intenção de seguir para gastronomia. Daí uma hora encheu o saco e voltei para São Paulo e falei, “bom agora eu vou atrás de trabalhar com Gastronomia”. Me esforcei muito pouco porque eu sabia que não era bem isso também.

Entrevistado: Daí uma hora o meu cheque especial começou a ficar vermelho com muita frequência, eu passei a mão no telefone e liguei para uma pessoa do mercado

financeiro que me conhecia desde o primeiríssimo trabalho e na época ela era diretora da Bovespa. Eu falei olha eu estou aqui e não estou fazendo nada, você tem alguma dica, você tem alguma ideia? Ela falou, “vêm conversar comigo”. Daí eu peguei e fui conversar com ela numa quarta-feira, na sexta-feira ela me fez uma proposta e na segunda-feira eu comecei a trabalhar. E eu entrei para fazer a cisão patrimonial de uma grande empresa do mercado financeiro, ela foi dividida em duas empresas, em 1999. E eu entrei no projeto da cisão patrimonial e da criação dessa nova empresa, foi uma puta experiência. Essa minha chefe ela fez uma coisa que foi inédita pra mim, ela sacou um talento meu e explorou, então eu era responsável por tudo que tinha de gringo lá dentro. Evidentemente, se alguém precisava ir para outro país para fazer alguma coisa, eu que ia, eu viajei muito. E, principalmente, isso foi a coisa mais bacana, eu aprendi a pesquisar e escrever, exercitar a pesquisa, a escrita, o raciocínio e a construção de um texto com ela. Eu fiquei lá até o meu aniversário de trinta anos, daí eu saí e voltei para a coisa da gastronomia que acabou também não virando nada mais.

O período da faculdade de Administração parece ter sido inexpressivo, tanto sob o ponto de vista do conteúdo do curso quanto das relações interpessoais. O curso em si parece que, em raríssimas circunstâncias, conseguiu atingir Paulo. As aulas de Psicologia, mesmo que timidamente, ecoavam como algo diferente.

Seu primeiro estágio se apresentou circunscrito pelas questões familiares, ao ser indicado para a vaga por seu pai para um banco da cidade onde cresceu. Seu potencial só pôde emergir após uma conversa de enfrentamento com seu chefe. Sua trajetória profissional é marcada por experiências efêmeras que envolviam uma rica combinação de competências.

Os constantes afastamentos em viagens para o exterior fizeram surgir a gastronomia como uma possibilidade. Entretanto, sua falta de investimento nessa abertura não confirmou sua efetividade.

A escolha da Psicologia

Entrevistado: ... eu tirei um ano, que foi o de 2000, quando eu fiz 30, eu tirei para fazer porra nenhuma. Eu fui morar em Goiás na Chapada dos Veadeiros e fui me desligando, sozinho, me desligando das minhas lembranças, dos vícios. Foi um processo de

dessaturação, sabe. Um dia eu tava lá botando água nas plantas e falei, “putz, eu já lia psicanálise desde os vinte e seis anos, fazia quatro que eu comecei a me interessar pela psicanálise por conta da mitologia e pra mim assim psicanálise era Freud, Jung e Melaine Klein, eu não sabia da briga”. Daí eu falei, “vou para psicanálise”, daí eu me mandei de volta para São Paulo e fui conversar com as sociedades e instituições de formação. E eu tinha uma amiga, professora universitária, que acabou sendo minha professora e faleceu o ano passado, e que me conhecia desde os quinze anos de idade, antes de eu morar aqui, ela tinha consultório com a minha tia. Ela era a minha madrinha Psi. E conversando com ela, ela falou: “faz psicologia, você está com tempo, você está com disposição porque vai te dar uma visão muito diferente de você fazer simplesmente formação psicanalítica”. E daí eu entrei na Psicologia, encarei como um trabalho.

Em mais uma de suas viagens de recolhimento para reflexão, aparece a possibilidade da Psicanálise. A ligação com a Psicologia ocorre intermediada pelo conselho de sua amiga e professora.

A vivência na faculdade de Psicologia

Entrevistador: *Você também trabalhava durante a faculdade?*

Entrevistado: *Como a faculdade era integral, eu comecei a dar aulas de inglês, francês e italiano. Então, tinha um público e fazia traduções também nesses idiomas. E a faculdade, eu escolhi também por causa de Jung, pois no mundo inteiro essa faculdade é um dos centros mais fortes de psicologia analítica, isso foi uma das pesquisas que eu fiz. No segundo ano, eu tive aula com uma professora de Jung muito respeitada e, quando acabou o semestre, eu fiz um plantão assim, de semanas, esperando ela passar para conversar, pois eu queria trabalhar com ela. Eu enchi tanto o saco que ela falou, “tá então vamos, estou fazendo um trabalho sobre complexos culturais a partir do mito de Júpiter”. Eu falei, “ah, conheço bem”, foi muito engraçado! E eu fiz esse trabalho com ela, foi uma pesquisa, muito interessante e agente publicou isso num livro na Inglaterra e, ao longo desse trabalho, nós nos entendemos muito bem. E aí acabei me tornando parceiro dela. Durante toda a faculdade, nesse tempo da faculdade eu virei assistente dela, eu trabalhava com ela e tinha uma remuneração mensal que foi muito*

importante pra mim. Também foi muito importante para eu me colocar na psicanálise de um modo geral. Porque durante a faculdade eu traduzi dois livros de psicanálise, o primeiro por indicação dessa professora e o segundo porque outra editora gostou da primeira tradução. Eu publiquei trabalho em congresso, escrevi um monte de coisas com ela e as coisas que escrevíamos juntos, saía no nome dos dois. Diferente daquelas coisas que o aluno rala e o professor bota o nome dele, não, saía como co-autor mesmo. E foi isso durante todo o tempo da faculdade. E na faculdade eu fui me interessando por tudo, então behaviourismo eu estudei muito sério, fenomenologia eu estudei muito sério, psicologia analítica idem, psicanálise idem, psicologia social eu abominava dentre outras que eu não gostava. Daí quando chegou no final, eu optei pela psicanálise inglesa, já na metade da faculdade, até eu comecei a fazer análise com uma analista kleiniana bem conhecida e fui me desenvolvendo dentro da Psicanálise.

Entrevistador: *Quando você acabou a psicologia que começou a se sentir psicólogo? Você tinha já uma opção? Eu vou atender, vou fazer consultoria, vou trabalhar em instituição, enfim...*

Entrevistado: *Eu me considerava já psicólogo no segundo ano e me considerava já psicanalista. Tinha duas coisas, eu pensava em psicologia hospitalar, daí eu fui atrás, me meti um pouco na psicologia hospitalar e vi que era uma coisa super politizada, enfim, tinha como todo campo mais restrito ou todo campo mais específico parece ter esse corporativismo. Então assim você entra num hospital já tem uma equipe, já tem um jeito, então eu falei, “não, eu não vou ter saco para isso”. Então vai ser clínica, vai ser pesquisa...*

Entrevistador: *Para fazer a faculdade você teve que se financiar?*

Entrevistado: *A faculdade eu fiz com bolsa, bolsa restituível que estou pagando ainda. Mas eu me ferrei nesse meio tempo, depois morreu um tio e eu ganhei uma herança, sabe essas coisas de filme...*

Entrevistado: *...quando eu terminei o quinto ano essa minha professora me encorajou muito a entrar direto no mestrado, daí eu preferi não, preferi fazer a formação primeiro, ter uma experiência clínica mais consistente.*

O contato com a produção acadêmica por intermédio da parceria com sua professora parece ter deslocado Paulo do “não lugar” para um pertencimento precoce na Psicologia. Ao expressar que se sentia psicólogo a partir do segundo ano, ele parece demonstrar exatamente essa apropriação de tornar-se um profissional a partir do exercício com a escrita. As traduções dentro da Psicanálise também podem ter contribuído para essa sensação. A parceria com a professora e amiga explicita um vínculo muito significativo, que foi construído ao longo da faculdade. O período universitário, dentro da Psicologia, parece ter engajado Paulo numa produção contínua, de forma muito diferente dos anos vivenciados na primeira graduação.

A vivência no curso de Formação e a prática da Psicologia

Entrevistado: *Daí o que acontece, no quinto ano uma pessoa entrou em contato comigo falando assim, “olha eu trabalho numa consultoria e seu nome foi recomendado por fulano porque você é administrador e psicólogo”. E agente queria conversar com você, eu bufei e falei bom, entre zero e um vou para um. Eu peguei fui e era para integrar uma equipe de coaching num projeto, a pessoa que me entrevistou em dois minutos ela já concluiu que eu não servia e daí eu virei para ela e disse: “eu sirvo para que, então?” Daí ela arregalou os olhos como o meu primeiro chefe, como também questioneei a minha professora. E daí essa pessoa, nessa consultoria, falou, “vamos conversar mais então”, daí ela me contratou como consultor interno, daí eu tinha um salário fixo e tal e daí eu comecei a entrar em contato com esse mundo da consultoria organizacional. Eu achava um porre, eu me arrependi muito, assim, uma semana depois eu falei aonde que eu vim amarrar minha égua?*

Entrevistador: *Mas você fazia o que lá?*

Entrevistado: *Eu fui como administrador, eu fui botar ordem na zona. E foi ótimo porque me deu um respaldo financeiro.*

Entrevistador: *E o que você achava disso?*

Entrevistado: *Eu achava assim, eu fazia um trabalho completamente diferente do que as pessoas faziam e eu me destacava pela forma como eu fazia. Daí eu percebi que*

essa área de consultoria era um campo muito árido porque tem muita coisa muito seca feita, mas muito fértil também porque tinha muita coisa que dava para fazer, botando um pouquinho de água e adubo dá para plantar um limoeiro.

Entrevistador: E sobre a formação?

Entrevistado: Então, logo que me formei eu iniciei a formação e estava tocando até eu chegar à conclusão de que eu era um otário. Porque a institucionalização dessas coisas, assim dentro do ambiente Psi, parece que a institucionalização... enfim, é meio que um ritual de lealdade, uma baboseira. Para mim não estava fazendo sentido ficar em formação, porque a coisa estava sendo menos consistente e me tocava muito menos do que as aulas de psicanálise na faculdade. Pra mim, na Psicanálise eu não tenho cerca, quando eu falo de Psicanálise estou falando de todas essas coisas. Eu fiz o quinto ano no núcleo de psicanálise inglesa, daí eu estudei Winnicott de uma forma super consistente, estudei outras coisas da psicanálise, principalmente Bion de uma forma muito consistente e na formação está uma zona. Então, sabe, assim, a gente vai ler Psicologia de massa e análise do eu, um puta texto bacana do Freud. Mas um texto que termina e aquilo virava um pântano...

Entrevistado: Algumas pessoas têm, assim, o eixo organizador/desorganizador da minha vida foi a minha relação com a mãe, não pra mim, foi... sei lá, cada pessoa tem uma 'nóia' meio específica com alguma coisa, a minha era com a profissão e com a identidade.

Entrevistado: ... Daí eu tornei isso o objeto do meu trabalho, eu fiz muito trabalho como consultor de consultorias em que eu atendi os clientes das consultorias, eu cheguei ao cargo de diretor numa consultoria. Fiz umas coisas bem bacanas, comecei a dar treinamentos para consultores, montei uma estrutura de coaching. E daí chegou uma hora que começou a acontecer a mesma coisa que acontecia em empresa, em instituição, que era o lance de eu me sentir completamente limitado, enjaulado, é o júpiter já grandinho que não cabia mais dentro da toca.

Entrevistado: Só que nesse último caso eu acabei adoecendo, eu trabalhava numa empresa que tinha por objeto propiciar uma qualidade de vida profissional mais autêntica e mais bacana para as pessoas e lá dentro... Em casa de ferreiro, o espeto é

de vidro... Eu adoeci mesmo, fui parar no hospital e tudo mais. Saí dessa empresa e fiquei um tempo quieto.

Entrevistado: ... e aí, quando foi em 2008, finalzinho de 2008, eu tinha um amigo do curso de psicanálise, da formação, mais novo, que trabalhava numa consultoria, fazia coisas parecidas com as que eu fazia e reclamava das mesmas coisas que eu. Daí agente teve a ideia de montar a nossa própria consultoria, montar a nossa marca. Aí agente fez um puta trabalho de branding com um consultor para ajudar agente a pensar na identidade da empresa e daí a coisa se desenvolveu, agente criou a nossa marca. E no dia do lançamento, ele me liga e fala assim: “olha, eu não vou, eu não vou continuar”. Na véspera a gente tinha ficado até as nove da noite escrevendo uma proposta. Ele chegou à conclusão de que consultoria não tinha nada a ver com o que ele queria. Ele estava super angustiado, eu pensei: “bom, eu não tinha como virar para o cara e fazer o que fizeram comigo a vida inteira, falei, ‘bom se não está fazendo sentido para você, bom, vaza! Bom, mas isso não serve para nada para você?’” Ele, “não, para nada”. Daí eu reformulei todo o conceito da consultoria, montei um modelo de negócio diferente porque eu não podia ter custos. Daí eu criei minhas parcerias, essa minha ex-professora é uma das minhas parceiras. Mas eu fiz parcerias com pessoas bem experientes, bem capacitadas, com currículo de peso e que complementam o meu peso. Também são pessoas que trabalham sozinhas, então agente tem uma estrutura em que meus parceiros me chamam para compor projetos ou para fazer a entrega de uma parte do projeto e eu os chamo da mesma forma.

Entrevistado: O interessante é que, assim, quem me chama normalmente não é o RH, que é a grande diferença do que acontecia nas consultorias onde eu trabalhava. Normalmente quem me chama é a área de negócio e eu tenho uma rede de relacionamentos muito forte da época do banco e eu entrei em contato com esse povo todo. E aí alguns amigos de faculdade também ressurgiram...

Entrevistado: E o consultório, ele tem um ritmo completamente diferente porque na consultoria era uma coisa que é assim, eu juntei uma puta experiência que eu já tinha de empresa com uma experiência intensiva de psicologia e, como eu sempre fui muito CDF, muito metido, de me enfiar nas coisas, eu consegui juntar muitas peças com uma certa agilidade. Ao passo que no consultório você não tem controle nenhum, você tem

que viver, ficar lá, atender, perder paciente, levar calote, ficar pensando: “puta, o que que eu fiz?” Supervisionar, ler outros autores, buscar outras referências, aqui meu vizinho é heideggeriano e meu outro vizinho winnicottiano e eu Bion, Klein, Jung fica nos bastidores. Jung está no meu sangue e a Psicanálise está na minha cabeça. E está sendo bacana porque eu acho que essa coisa de trabalhar em dois mundos pra mim sempre foi muito comum. Só que o que me liga, o elo, neste momento, que eu acho que a coisa da identidade que eu buscava, é a identidade de psicólogo e a identidade de psicanalista. Para mim tem um significado de primeiro me localizar dentro de uma comunidade e de uma forma que também não me prende. Porque a gente vive numa situação em que você tem que construir identidades instantaneamente, agente é chamado a isso o tempo inteiro. Daí eu penso um pouco mais assim eu gosto de navegar por essas identidades. As experiências com a faculdade de Psicologia, o contato com algumas pessoas chave foram me ajudando a desconstruir muita coisa.

Entrevistado: *No consultório eu tenho alguns pacientes psicóticos e eu adoro atender, e pra mim é super interessante, até pelo tipo de literatura que me atrai nesse momento que são os autores Bionianos. Então eu trabalho com a psicanálise não interpretativa e no trabalho com psicose é o laboratório.*

Entrevistador: *Que natureza de trabalho você faz na consultoria?*

Entrevistado: *As pessoas me chamam quando elas não sabem o que está acontecendo, percebem que tem alguma coisa que não está rolando bem. É muito difícil descrever. Mas para dar um exemplo concreto muitas vezes me chamam quando tem um problema. Ah, eu tenho aqui três gerentes que são umas pestes. Tá, eu vou e escuto, só que eu escuto muito mais do que tem três gerentes que são umas pestes, pela experiência, pela vivência, pela prática da análise. E daí eu vou construindo um trabalho com o meu cliente, eu chamo isso de um laboratório de ideias.*

Toda sua experiência em empresas, juntamente com a vivência da mudança de carreira e de todos os seus dilemas, parecem ter favorecido a sua inserção num nicho profissional de consultorias que trabalham essa questão com seus clientes. Já as atividades estritamente de administrador passam a não possuir mais sentido, após a conclusão do curso de Psicologia. Seu trajeto profissional nas empresas, mesmo atuando como psicólogo, parece não lhe conferir sentido, sentindo-se preso às amarras

institucionais. Essa parece ter sido uma questão importante ao longo do seu percurso nas organizações, sua predileção em atuar de forma empreendedora e autônoma fica evidenciada quando consegue estruturar sua própria consultoria.

A experiência do atendimento clínico acaba situando Paulo em outro mundo, um mundo da imprevisibilidade, da relação dual, da lapidação constante do ouvir e do desvelar; esboça um cuidado com a leitura e estudo da prática clínica, no entanto, novamente o seu pertencimento na formação em Psicanálise deixou de fazer sentido, especialmente em função de certa institucionalização desse estudo.

A combinação desses dois mundos em que atua como psicólogo, parece permitir a Paulo uma composição de competências que lhe conferem sentido exatamente na possibilidade de sua diversidade de papéis profissionais. Pois a expressão de seu ser parece necessitar de multifacetadas para se manifestar.

Análise do sentido: a trajetória de mudar de carreira (impressões, percepções e sentimentos a partir da compreensão do pesquisador)

Após a apresentação dos focos de análise, serão desenvolvidas algumas possíveis considerações analíticas. A intenção é que por meio do desvelamento-revelação de sentidos, seja alcançada uma última compreensão a respeito da mudança de carreira para Paulo.

Ao descrever sua infância, Paulo discorre sobre suas vivências na cidade do interior do estado onde cresceu. Suas lembranças desse período surgem em suas impressões de forma predominantemente persecutória. Dentro de sua família, a relação com seu pai parece entrecortar toda sua estória e trazer resquícios até o momento presente. Ao descrever seu pai em diversos momentos da entrevista, este surge como um homem poderoso, autoritário, inteligente, intolerante e bem-sucedido profissionalmente. Essa figura parece atrair-lhe profundamente pelas suas virtudes e, ao mesmo tempo, desperta repulsa pela sua falta de abertura e incompreensão. Esse embate parece se estender para toda a família paterna. Todo o poder da família quatrocentona parece sufocar Paulo, na medida em que o restringe, e a seus familiares, na expressão de suas possibilidades. Esse semblante familiar negativo parece ter sido proferido especialmente pelo pai, que, como ele mesmo afirma, se coloca como personagem principal. O sobrenome tradicional parece ter engolido indivíduos em busca

de um propósito rigoroso de poder e riqueza. A respeito da mãe, Paulo ilustra uma mulher cuidadosa, que é responsável por facilitar sua convivência com seu pai. Além disso, ao descrevê-la, aparece uma figura, de certa forma, apagada e passiva, com baixa expressividade em seu percurso.

Em relação aos habitantes da cidade, surge novamente o embate com a filiação “nobre”, atribuindo um tom acinzentado a grande parte de suas amizades. Desde cedo destaca lembranças relevantes de muita reflexão e descobertas, quando circulava pelos diferentes espaços da pequena cidade do interior. A introversão parece ter servido a elaboração e organização de seu mundo.

No início de sua adolescência, Paulo possui o primeiro registro que a vida exige escolhas. O vestibular pela frente anuncia uma grande escolha na sua trajetória existencial, que pode trazer repercussões longínquas. O sinal de que é preciso escolher parece ter sido fundante para Paulo, que decidiu, antes mesmo do vestibular, sair de casa para fazer um intercâmbio nos Estados Unidos. O país estrangeiro parece ter sido o refúgio geográfico necessário para as paralisantes pressões paternas. Em seu primeiro encontro com o vestibular, prevaleceu a decisão do pai de perpetuar seu caminho como médico através do filho. No relato dessa vivência, Paulo se localiza entre repelir a escolha do pai e, simultaneamente, encontrar-se desalojado de qualquer outra opção. A impressão que se tem é que, apesar de não desejar ser médico, pelo menos aos moldes de um cirurgião, essa vontade do pai parece ter sido, de certa forma, uma garantia de um porto seguro, ao isentá-lo de entrar em contato com sua própria escolha. A angústia se expressa em suas interrogações: “O que eu sou?” e “O que eu vou ser?”, por receio da retaliação paterna e dificuldade de sair da zona de impropriedade e se apropriar de uma escolha autêntica.

Quando narra seu período na faculdade de Administração de Empresas, Paulo parece fazer uma menção ao tédio. Existe a impressão de um alongamento do tempo em meio a um marasmo contínuo, opaco, sem formas e incolor. A disciplina de Psicologia surge como um lampejo incandescente diante de um fundo fosco. Sua trajetória profissional começa a ser desenhada a partir do embate com o chefe no primeiro estágio, que o desafia a manifestar as suas potencialidades. Essa dinâmica parece marcar seu percurso, implicando Paulo a demonstrar toda sua capacidade intelectual. Sua vivência profissional no mercado financeiro mistura a expressão de competências apuradas no desenvolvimento dos trabalhos e contínuas rupturas com as empresas, onde permanece por curtos períodos de tempo. Existe a impressão de um

embate constante com o ambiente corporativo, muito semelhante aos seus embates internos com a família paterna, pois parece haver uma aproximação, para Paulo, desses dois mundos em sua trama de significações.

As constantes viagens para o exterior parecem refletir uma procura por algum sentido que Paulo não encontra na vida profissional. A gastronomia surge como uma possibilidade que se apresenta, há uma insinuação de investimento, no entanto, não o suficiente para a sua viabilização. Até que, em mais uma de suas viagens, aparece a possibilidade da Psicologia. Sua vivência na faculdade de Psicologia parece ter mobilizado Paulo de forma intensa, o que resultou em uma produção acadêmica expressiva. O forte vínculo de amizade com sua professora também foi um acontecimento marcante nesse período, que impulsionou sua produção. O exercício da escrita permitiu a Paulo, logo nos primeiros anos, se sentir psicólogo.

O exercício do olhar clínico, tanto nas organizações quanto no consultório parece conferir sentido profissional a Paulo. Em suas buscas incessantes desde o vestibular, Paulo parece ficar angustiado frente às muitas possibilidades profissionais que lhe são apresentadas ao longo da sua trajetória. Primeiro a Medicina, indicada pelo pai, depois a Administração como escapatória, a cogitação do Direito, da Comunicação, da Gastronomia e, finalmente, a Psicologia. Seu dilema existencial com seu pai e a família paterna parece contribuir para uma interferência em suas escolhas, na medida em que Paulo ensaia movimentos de afastamento e aproximação. A Psicologia surge como uma possibilidade, aparentemente autêntica, que pode se confirmar ao longo do tempo. Porém, Paulo parece continuar em sua busca, aliás, como é característico do Dasein, mesmo que novas escolhas sejam apresentadas, o que caracterizará a sua autenticidade será o esgotamento total de cada escolha. Esse modo de ser, em que Paulo se aproxima, empreende esforços e, em seguida, distancia-se e lança-se a uma nova procura, pode ser que o seu sentido esteja nesse próprio movimento.

Dados de Identificação

Nome fictício: Isabela

Idade: 58 anos

Sexo: Feminino

Estado civil: Solteira

Primeiro curso universitário: Direito

Universidade: instituição particular em cidade do litoral paulista

Segundo curso: Formação em Psicologia Analítica

Local: instituição de Formação para analistas em Psicologia Analítica – Zurique, Suíça.

Contexto familiar e sua infância e adolescência

Entrevistada: *Eu não nasci no Brasil, nasci na Espanha, eu cheguei ao Brasil quando tinha sete anos de idade. Eu tenho dois irmãos, um quatro anos mais velho que eu e um dois anos mais jovem que eu. Eu fui alfabetizada na Espanha, então, quando eu cheguei ao Brasil já tinha alguma coisa que tinha que desistir e mudar. Eu tive uma perda grande porque minha avó não pôde nos acompanhar e eu era muito ligada a ela.*

Entrevistada: *Eu fui uma boa aluna, meus primeiros grandes amigos foram autores literários, eu tive uma educação bastante restritiva e passava horas lendo durante a minha infância e adolescência inteira, inclusive na escola. Toda aula chata eu lia, eu sentava lá trás, eu tinha toda uma estratégia para ficar lendo a aula inteira. E lá por uma certa época, quando eu tinha dezessete anos eu tive um insight, um dos primeiros grandes insights. Porque era um escape, me concentrar na literatura não só como um grande amor que eu já tive, mas era também uma maneira de eu não ir para o mundo. E aí eu tinha umas amigas, que nessa altura o meu pai ficou um pouco menos repressor, e eu comecei a sair, namorar, ir para festa, baile, carnaval, foi muito bom. E eu queria ser independente exatamente porque eu tinha essas restrições, poder pagar as minhas contas e ter liberdade para fazer as minhas escolhas. Então, eu queria ser independente logo, só que nós não morávamos em São Paulo e os meus pais não me deixavam andar sozinha por São Paulo.*

Entrevistador: Onde você morava?

Entrevistada: Morava numa cidade do litoral paulista.

Entrevistador: *E os seus pais, como eles eram?*

Entrevistada: *Meu pai trabalhava numa metalúrgica. Ele fez várias coisas antes disso, mas para encurtar a estória, que é longa, meu pai veio muito cedo para lutar na guerra civil espanhola, isso influenciou muito a vida dele. Minha mãe também teve perdas muito importantes nessa guerra que eu só vim a conhecer mais tarde. Ela era madrinha de guerra do meu pai, as mulheres escreviam para os soldados no front e, quando o noivo dela morreu na guerra, ela veio a conhecer meu pai, com quem ela só se correspondia, e veio a se casar com ele. Mas todas essas estórias eu tenho certeza que influíram muito nas nossas estórias.*

Entrevistada: *Meu pai trabalhava na área de pessoal, de recursos humanos, ele fiscalizava os restaurantes dos recursos humanos. Ele ganhou uma medalha uma vez porque foi um dos únicos funcionários, de não sei quantas décadas, que nunca chegou atrasado e nunca teve uma falta que não fosse justificada. Ele era um tipo que valorizava muito a ética do trabalho.*

Entrevistada: *Minha mãe era uma mulher inteligente e muito bonita, então ela tentou ter um negócio dela com uma amiga, mas meu pai não deixou porque ele era muito ciumento. Então, eu via na minha mãe uma mulher de inteligência e de talentos frustrados pela falta de poder que ela tinha mesmo. E por ela não querer confrontar o meu pai a um ponto que levasse ao fim do casamento, da família, tudo isso. Isso só reforçou a minha ideia de que as mulheres têm de ser independentes. Então, minha mãe sempre apoiou isso, mas de uma maneira muito ambígua. Porque, ao mesmo tempo, ela tinha esses valores muito tradicionais em relação ao comportamento feminino, da sexualidade ao casamento. Então, ela tinha um discurso muito ambivalente que ela passava para mim. E isso era impossível, eu ser a tradicional que sabia bordar, estudar, cozinhar e, ao mesmo tempo, ser independente, ter carreira e fazer o que quisesse.*

A ruptura com a Espanha em razão da mudança para o Brasil parece ter sido sentida por Isabela. O desligamento com uma forma de habitar o seu mundo, a abdicação de sua língua mãe e o afastamento da avó parece ter imposto a Isabela um

novo modo ser, que novamente teve que se ver frente à abertura necessária para uma nova colonização e apreensão de mundo, com a chegada ao Brasil.

O contexto de guerra na Espanha acaba aproximando os pais de Isabela. A mãe de Isabela perdeu seu noivo e, como madrinha de guerra, conhece o pai de Isabela, que sobreviveu à guerra. Ambos foram tocados pela guerra, e direcionaram suas biografias existenciais a partir dela. O ser-aí de seus pais parece adquirir marcas relevantes dessa vivência, que podem ter interferido em seus diferentes modos de ser vivenciados em seu horizonte temporal.

Na infância, Isabela parece ter vivenciado um período de introversão, no qual se aproximou intensamente da literatura. Esse recolhimento nos livros parece revelar uma necessidade de habitar um mundo mais seguro, recheado de aventuras, mas, que em primeira mão, lhe transmitisse confiança para explorá-lo.

A estrutura familiar de Isabela apresenta um pai que parece ser autoritário e rígido com a família, e que preservava valores conservadores. Essa mesma rigidez parece se expressar no exercício da profissão, na qual o pai se torna um exemplo de disciplina no trabalho. A mulher parece ocupar, para o seu pai, um lugar cristalizado em torno do ambiente doméstico e distante de qualquer profissão. A mãe de Isabela, uma mulher bonita e inteligente, parece não ter sido autorizada pelo marido a exercer suas potencialidades no trabalho. Sua postura frente a Isabela parece denunciar sua culpa, mesmo que de forma intermitente, pois, na medida em que renuncia o trabalho para preservar o casamento, vivência esse ficar-a-dever para si mesma e parece encontrar, na filha, uma maneira de expressá-lo. Diante desse contexto, Isabela, apresenta, desde a sua adolescência, um interesse em buscar sua independência financeira com o intuito de conquistar sua autonomia. O pouco espaço para expressar suas vontades e a culpa vivenciada pela mãe parece impulsionar Isabela na direção de alcançar esses objetivos.

Escolha do curso universitário

Entrevistada: *E eu fiz Direito como primeira opção, na época era clássico, científico e normal. Eu fiz clássico e estudei numa ótima escola. E aí, quando eu tive que escolher, eu queria sair da cidade em que morava e a minha família nunca me apoiou nisso.*

Entrevistada: *Eu queria estudar Medicina em São Paulo.*

Entrevistador: *Você fez a faculdade nessa cidade do litoral?*

Entrevistada: *Eu fiz lá, por rebeldia eu fiquei um ano sem entrar na faculdade porque eu fiquei jogando esse jogo de que eu não quero ficar aqui.*

O maior interesse de Isabela era cursar Medicina na capital paulista, entretanto, não é autorizada pela família, especialmente pelo pai. Mesmo não conseguindo fazer Medicina, Isabela não parece vivenciar uma culpa após sua decisão. A faculdade de Direito parece ter sido apreciada após o primeiro ano de protesto, não deixando, aparentemente, uma pendência na sua existência.

Vivência profissional

Entrevistada: *E o meu irmão, que já trabalhava e apoiava os meus pais nessa atitude, um dia apareceu dizendo que eu tinha uma entrevista marcada num grande banco estrangeiro. Porque ele falou: “já que você quer ser independente, por que você não começa por algum lugar (ironicamente)?” E eu não queria ir, eu não tinha nenhum desejo de trabalhar em banco. E eu, nessa famosa entrevista, tinha acabado de fazer dezoito anos, eu não tinha documentos e estranhamente o banco me admitiu. Eu tinha dezoito anos, tinha acabado o clássico. Mas tinha essa estória, “você não quer ser independente? Então comece de algum lugar (ironia)!” Estranhamente fui admitida, comecei a trabalhar no banco sem documento. Eu comecei a trabalhar por coerência ao meu discurso, mas sob protesto.*

Entrevistada: *Só que, em seguida, eu me apaixonei e este namorado, que era da cidade que eu morava, ia fazer vestibular para Medicina, e aí eu estava apaixonada, já não estava tão interessada em ir embora da cidade, naquela situação só restava me lamentar. E já que eu estava lá, então eu comecei a fazer Direito, que era a segunda opção do arquétipo salvador. E fui fazer Direito e continuei trabalhando no banco. E aí, bom, essa estória durou muito tempo... Nós ficamos namorados muito tempo, noivos e foi uma pressão muito grande para eu me casar. E eu comecei a me confrontar com a ideia de que eu não estava afim de me casar. E uma prisão se abrindo na minha frente, três filhos, um logo depois do outro. Ele queria fazer pós-graduação na Alemanha, eu percebi que eu ia ficar atrelada à carreira e à vida de um homem. Esse projeto não me*

agradou. E tomei outra grande decisão, foi uma dessas que todo mundo achou que eu era louca, e todo mundo ficou contra mim.

Entrevistada: *Aí eu estava trabalhando, e também, estranhamente, eu comecei a ser promovida no banco, o que era raro para uma mulher daquela idade, que não tinha nem acabado a faculdade. Aí, eu recebi um convite de um professor para trabalhar no escritório dele, e era um ótimo cargo. Só que eu tinha que desistir de ganhar bem, como eu já ganhava e já tinha toda uma estrutura de carreira. E, como o banco já tinha todos aqueles reflexos que aconteciam no país sede, as mulheres estavam tendo mais chances, os jovens, eles apreciavam as pessoas que tivessem um modelo mais criativo de ver as coisas. E eu fiquei apaixonada por isso e resolvi dar dois anos mais ao banco para ver aonde as coisas iam. E aí minha carreira continuou e eu continuei querendo fazer outras coisas, eu tinha um lado que se interessava por outras coisas, mas acabei indo trabalhar e morar no Rio, no banco, me convidaram, estava saindo de um relacionamento muito complicado.*

Entrevistada: *E eu comecei a fazer análise nessa época, comecei a fazer análise com um junguiano, aliás, um cara bem famoso. E passou a ser minha prioridade a coisa da análise. Em algum momento começou a acontecer aquilo que falei para você, eu comecei a fazer o jogo para valer da carreira. Eu sempre trabalhei sério, fazendo o melhor, mas por causa do meu caráter, não porque eu estava muito interessada. Então, quando resolvi fazer o jogo, a minha carreira foi deslanchando cada vez mais.*

Entrevistador: *Mas o que você fazia no banco?*

Entrevistada: *Nessa altura eu era vice-presidente do banco.*

Entrevistada: *Como dizia um amigo meu, eu era uma vice-presidente, que conhece bem as mulheres do banco, que são importantes, “todas de estado maior, nenhuma tem tropas, você é único general feminino com tropas”. E era verdade, eu sempre tive... Eu acho que antigamente mulher não tinha muita credibilidade, na minha geração isso era ainda mais sério. Então, você sendo mulher, você precisa que os seus resultados sejam indiscutíveis.*

Entrevistada: *E logo no começo da minha carreira, eu tive um episódio de um sujeito que era meu chefe, que eu considerava uma figura paternal, que avançou bastante o sinal, e quando eu percebi e rejeitei taxativamente, ele começou a ter comportamentos muito retaliativos. E eu quase saí nessa altura, mas, se acontecer outras vezes eu devia confrontar aquilo e depois eu podia sair, mas eu tinha que confrontar. E aí eu me dei conta que, como eu estava num lugar em que eu podia mostrar resultados, que eram meus, ele não conseguia me atingir. O banco tinha uma estrutura, baixaram os executivos do país sede lá, para verificar o que estava acontecendo, e como eles me viram jovem, eu era bonita e você vê, não explorava esse lado, até me escondia bastante. Eles sacaram uma situação, que era pessoal o motivo dele, e me apoiaram completamente. Eu fiquei sabendo tudo, eles comentaram isso e provavelmente tinha rolado uma história daquelas, na época ainda agente não falava de assédio, não tinha isso...*

Entrevistada: *Então, eu sempre percebi que as mulheres têm que ficar em situação em que os resultados delas sejam indiscutíveis. No caso, eu não compartilhei com a ideia de fazer uma carreira, como algumas mulheres fizeram, usando aptidões de sedução, embora eu ache que os homens também usam, quero deixar isso claro. Os homens vão jogar golfe, eles fazem um monte de jogos, que são jogos de sedução também. Então, eles usam as armas que tem, as minhas eram outras, pelo menos as que eu queria usar.*

Entrevistada: *Bom, então eu era vice-presidente do banco, passei um tempo no país sede do banco olhando a área de desenvolvimento de negócios, porque depois eu utilizei aqui. Eu trabalhei em áreas diferentes, eu estava me preparando para ser uma business manager, ter um negócio meu no banco, um negócio grande. Nessa trajetória que estou te contando eu fui também diretora de uma empresa grande que pertencia ao banco. E eu tive ótimos resultados lá e fui promovida de novo, nessa situação como era boa profissional, fui convidada para trabalhar na Europa. Como aqui tinha uma inflação muito grande e eu podia economizar em moeda forte, isso servia aos meus objetivos na época, porque eu ia ter que tomar algumas decisões no futuro. Então, eu fui trabalhar na Europa, primeiro na Itália e depois na Espanha. E eu era, além do título que eu tinha, que era de vice-presidente, eu tinha alguns títulos locais que seria equivalente a vice-presidente executiva, nas empresas aqui. E eram responsabilidades grandes. E, ao*

longo desse tempo, eu fui trabalhando esta estória de mudo ou não mudo, com muita dificuldade, porque eu também gostava do meu trabalho e da minha carreira. Mas era como se um lado meu estivesse muito carente e pedindo muito essa mudança. Eu sentia que, para mim, a individuação era muito importante. E foi por isso, que eu saí, eu não saí porque eu não gostava do que eu fazia. Apesar de que, eu não gostava de muitas coisas da vida corporativa, não gostava mesmo.

Entrevistador: *O que, por exemplo?*

Entrevistada: *Da política, de você sacrificar princípios às vezes porque você... eu não digo sacrificar princípios porque não sacrifiquei, aliás, eu tive muitas brigas por isso, era mais de você, às vezes, não poder fazer as coisas de um jeito mais criativo e inteligente por causa dos jogos. Quanto mais alto, mais alto... Você vê pessoas extremamente incompetentes levando a gente a posições extremamente prejudiciais com negócios e o negócio tem acionistas, tem os empregados, e os empregados são afetados por esse tipo de decisões da direção. Na Itália teve um caso de alguém que tentou se suicidar no banheiro, então, você vê as vezes que determinadas dinâmicas nas empresas são uma doença corporativa. E é muito frustrante não ter o poder suficiente para dificultar isso e, ao mesmo tempo, se ver parte daquilo. Isso eu não gostava...*

Entrevistada: *A primeira vez que fui convidada para ir à Itália eu não aceitei, porque estava envolvida em chantagens, tipo assim, você vem primeiro para Itália porque nós precisamos de você aqui, assim como se fosse um soldado, sabe? Eu falei, “como?”, eu recusei. Eu achei que tinha entrado na lista negra, nunca mais iam me convidar para nada lá fora. Mas eles me convidaram de novo, dessa vez convidaram melhor. Daí alguém falou para mim, alguém na Europa que eu estava fazendo entrevista, “pede o que você quiser que eles, vão te dar o que você quiser”. Eu falei, “ah, então, tá”. Daí eu pedi, negocie, daí alguém falou de mim, “se ela for tão boa trabalhando, como ela é em negociar, ela vai ser ótima!” Aí eu negocie e negocie muito bem, porque era muito difícil lá, era um mico como todos me falaram, mas um mico muito bem pago que serviu aos meus projetos. E foi ótimo, adorei a Itália, tive um marido italiano, foi ótimo. Muito bom, olhando assim agora, um país interessantíssimo, me apaixonei pela língua, aprendi o italiano, quase virei italiana. E depois disso, três anos depois, fui para a Espanha, que era o lugar que eu queria ir desde o começo.*

Entrevistador: *Quantos anos você ficou no banco?*

Entrevistada: *Vinte e cinco anos.*

Entrevistada: *Aí, eu saí do banco quando eu estava na Espanha, no país onde eu nasci. Eu morava num apartamento lindíssimo, tinha uma vida materialmente maravilhosa, mas eu estava muito infeliz. Eu já tinha sido aceita no instituto lá em Zurique.*

Ao aceitar a provocação do irmão, fazendo a entrevista no banco sugerido por ele, Isabela demonstra convicção no seu propósito de se tornar independente financeiramente em pouco tempo. O banco, uma possibilidade inimaginável, a princípio, para Isabela, rapidamente abre-se como caminho factível para atingir o seu intuito.

Isabela, ainda no início de sua carreira, viu-se frente à possibilidade do casamento. Entretanto, no mundo de Isabela, tecido a partir de sua trama de significações, não encontrava lugar para um modelo de casamento aos moldes de seus pais. Isabela, nesse momento, ao abrir mão dessa união, decidiu por explorar todas as suas potencialidades em sua carreira no banco.

Em sua trajetória profissional no banco, Isabela encontra um ambiente fértil para demonstrar toda sua capacidade intelectual, agressividade e criatividade. Apesar de sua fala, descompromissada com o fato de se identificar com o trabalho, parece que outros fatores conferiam sentido ao seu “fazer” nessa instituição. A rígida disciplina para o trabalho, aliada à sua inteligência e elevada criatividade, parece ter sido alguns dos ingredientes que impulsionaram Isabela em suas promoções. Os altos postos de comando, tendo tropas sob sua responsabilidade, parecem situar Isabela numa esfera de orgulho. Sua tenacidade frente à circunstâncias adversas, como o assédio moral, sofrido pelo seu superior, caracterizam um modo de ser refratário a desviar-se de um sentido nutrido pelo contínuo sucesso obtido. As expressivas remunerações também parecem ocupar parte da sua estrutura de sentido, na medida em que favorece sua autonomia, segurança e status.

A procura pela sua análise pessoal e seu desdobramento, parece tanto favorecer sua progressão no trabalho quanto, questioná-la sobre outros interesses em sua existência.

Reflexões preparativas para a mudança

Entrevistada: *E numa certa fase da minha análise, lá pelo sexto ou sétimo ano de análise eu resolvi me dar alta. Eu achei que eu estava pensando já numas coisas e eu tinha mais que agir. Eu tive, assim, sonhos extremamente numinosos e importantes nessa época, que me mostraram que talvez eu tivesse mesmo que balançar tudo. E isso foi muito penoso para mim, porque a minha carreira também me dava muita gratificação, segurança, prestígio...*

Entrevistador: *E como foi o amadurecimento para tomar a decisão de mudar?*

Entrevistada: *Foram anos de análise, de muito trabalho da vida interior, dos símbolos, dos sonhos, eu comecei a levar a sério isso. Eu acho que tem aquela famosa fase da meia idade que o Dante coloca na Divina Comédia, 36 anos, para algumas pessoas, vêem antes e para outras vêem depois. Mas acho que para mim veio, por aí mesmo, que começou. Começou cedo essa coisa do que eu vou fazer pelo resto da minha vida. Eu nunca achei que dinheiro, poder, prestígio, essas coisas, fossem suficiente. São importantes para você ter uma independência, segurança, uma certa qualidade de vida, feito isso, o resto é fantasia, imagina! Eu nunca achei que alguém precisasse ter cinco carros, dez casas, cinquenta milhões de dólares na conta para estar feliz. Dinheiro nunca me impressionou. Mas eu gostava muito sim das coisas que o dinheiro permite fazer, isso eu gostava.*

Entrevistador: *Mas tem uma estória que você me contou que tentou fazer Psicologia aqui, não foi?*

Entrevistada: *Ah, é verdade, eu já tinha esquecido completamente dessa história. Durante o meu processo, esse processo todo, eu tentei lidar um pouco da realidade disso. Então, discutindo isso em análise, eu fiz um vestibular daqueles que você cai de paraquedas, foi numa faculdade no ABC Paulista. E eu passei estranhamente, imagina, não tinha estudado nada na época. E eu comecei a fazer a noite, mas era muito difícil porque eu tinha dia que estava lá dirigindo, o trânsito era ruim, eu tinha que viajar bastante a trabalho, eu tinha muitas reuniões, eu era diretora de uma empresa grande, nessa época. E, então, eu conseguia de vez em quando, e era muito diferente o nível, eu achava o nível, com todo respeito à faculdade e aos professores, mas eu achava muito baixo o nível, eu achava que estava regredindo vinte anos, porque eu já estudava*

por conta própria, eu fazia grupo de estudos com junguianos. Eu achava aquilo um absurdo e começou a ficar muito difícil para mim, eu tinha um tempo tão limitado e precioso e eu sentia que estava desperdiçando aquilo. Eu fiquei um ano, eu tive algumas faltas e eu fiz uma proposta que eu prestava todos os exames, as provas e eles me dispensavam das faltas, levando em conta o que eu podia saber, ou não. Eu me lembro muito do meu professor de direito que me convidou para trabalhar. Ele tinha uma briga interna com a faculdade, porque ele não dava presença. Ele achava ridículo ter presença, ele dizia que a necessidade de presença era o atestado de falência do ensino no Brasil, porque na Europa, ninguém exige isso. Na Europa, se você não quiser aparecer o ano inteiro, o problema é seu. Você tem que fazer tudo, os trabalhos, os exames, as provas, tudo. Agora quando você fez você foi cinco vezes, três vezes ou duas, o problema é seu. Você é adulto, sabe! Então, ele dizia que era a garantia do professor medíocre, a exigência de presença. Eu achava isso corretíssimo. Eu tentei explicar que eu tive que faltar, mas que eu estudava e que eu faria as provas e me submeteria a tudo, menos as presenças obrigatórias, mas não deu certo. Aí eu desisti, achei que aquilo era demais da conta, desperdiçar tanto tempo da minha vida.

Entrevistada: *E aí, a uma certa altura, por causa de novo dos sonhos numinosos e tudo, pintou a estória do instituto.*

Entrevistador: *Mas como apareceu o instituto?*

Entrevistada: *Apareceu nos meus sonhos. Acho que eu nem sabia conscientemente do instituto, eu nunca tinha entrado por este lado para participar das coisas, mas apareceu. E era muito sério, e nessa época aconteceu tudo, eu fui convidada para trabalhar na Europa, foi como se tivesse uma força enorme, umas sincronicidades incríveis acontecendo.*

Entrevistada: *Quando estava na Espanha, muitas coisas já tinham mudado na minha cabeça e na minha vida. Eu já tinha sido aceita no instituto, eu estive lá fazendo um monte de entrevistas, mas eu continuei testando a realidade, eu tranquei minha matrícula lá durante quase dois anos. Eu queria ver aonde isso iria parar deixar essa tensão se desenvolver ao máximo.*

A palavra análise, segundo HEIDEGGER(1993), tem como significado o desfazer de uma trama em seus componentes fundamentais, sendo o seu caráter primordial, não a sua decomposição em elementos isolados, mas a recondução a uma unidade (síntese) da possibilidade ontológica do ser dos entes. Isabela, a partir do seu processo de análise e dos seus sonhos, parece deparar-se com certa angústia, que questiona seu atual modo de ser e solicita pela investigação de novas possibilidades de situar-se no mundo. Na medida em que essa hermenêutica avança, novos aspectos de seu interesse, ocultados, parecem se revelar.

A tentativa de ingressar na faculdade de Psicologia insinua um movimento, frente às novas percepções que se apresentam. Entretanto, Isabela parece ainda não estar totalmente aberta a essa possibilidade. Por meio, da contínua averiguação de sua angústia, Isabela parece, de fato, ceder a essa reivindicação com o desvelamento do instituto de formação analítica. Seu sucesso profissional, circunscrito pelos seus aspectos centrais, como segurança financeira e prestígio, parece desviar Isabela frente ao seu novo chamamento.

Vivência na Formação de analista

Entrevistador: *Como é o instituto e a formação?*

Entrevistada: *É uma formação de um curso desenhado pelo próprio Jung em Zurique, na verdade agora fica numa comunidade pertinho de Zurique. O programa foi desenhado pelo próprio Jung, no final da vida dele. Ele era contra, ele dizia que jamais seria um junguiano. Ele era contra escolas. Ela achava que tinha que desenvolver o caminho, ele tinha aberto, agora os outros que desenvolvessem, ele não queria uma coisa estagnada. Mas já que alguém vai fazer, então deixa eu fazer junto. Então, é um programa de formação de analistas. Depois de dois anos, eu já estava autorizada a trabalhar como analista, com supervisão. Eu fiquei quatro anos e meio, mais ou menos, trabalhando.*

Entrevistador: *Como foi ficar sete anos estudando?*

Entrevistada: *Só estudando e depois trabalhando como analista. Foram muito intensos e de muito trabalho. Mas como lá tudo é muito organizado, o seu tempo rende muito. Você tem duas fases lá, você faz os cursos teóricos, depois você faz um exame que eles chamam de propedêutico, que é para você passar para segunda fase. Na segunda*

fase, depois que você passa, são oito exames teóricos, quando você passa, você vai ter que escrever um trabalho final. Depois que você é aprovado para a segunda fase pelo seu comitê de seleção, ele sempre vai entrevistando você ao longo do tempo, para saber se você continua ou não no programa. Porque eles podem cortar você do programa até a véspera, se você tiver demonstrado, qualquer atitude ou comportamento, que diga que você não está apto para trabalhar como analista. Aí você passa por essas fases e começa a trabalhar como analista. E tem um monte de programas no instituto, reservados para quem está em treinamento, e não são abertos para quem está na primeira fase. E aí você tem o que eles chamam lá de colóquio, que é uma supervisão de grupo. Você escolhe os analistas, vários tem colóquio em aberto. Você aceita e começa a trabalhar em supervisão de grupo. Eu cheguei a fazer cinco colóquios por semana, eram duas horas cada um, além da supervisão individual, além dos seminários, e além de trabalhar como analista.

Entrevistada: *Eu entrei às 8:16 e você sabe que estará em Zurique às 8:27, então você programa tudo, tudo funciona muito bem. Então, você aproveita muito o tempo, isso eu estranhei muito quando voltei para cá, como aqui a gente desperdiça muito o tempo. Sabe, aquela coisa compulsiva dos suíços, eles são muito organizados e matam a imaginação. Pois muita organização mata a imaginação. Mas, para quem estava fazendo o que eu estava fazendo, era perfeito.*

A vivência de Isabela no instituto de formação em Psicologia analítica parece ter sido intensa. Isabela parece se dedicar com extrema aplicação a sua formação, que realiza em dois anos e já atua como analista por mais cinco anos em Zurique. A disciplina e organização dos suíços chama muito sua atenção, que considera ideal para o seu propósito. A mudança, tanto de país quanto, de profissão, parece ter inserido Isabela em um novo modo de ser. A ruptura com os vinte e cinco anos habitando o ambiente corporativo pode ter apresentado, a Isabela, uma nova compreensão sobre sua existência. Pois, em seu horizonte, surge a necessidade de tatear um novo recomeço de carreira, dessa vez facilitado pelas conquistas financeiras e pela experiência de vida.

Retorno ao Brasil e a atuação com a Psicologia Analítica

Entrevistada: *Aí, eu voltei em 2000 para cá e no começo eu ia trabalhar como analista, aí, eu tive vários problemas de família, meus pais começaram a ter problemas sérios de saúde. Um mês depois que eu voltei meu pai foi diagnosticado com câncer e, quando agente achava que ele estava bem, e de fato estava, daquele câncer, a gente descobriu que, na verdade, ele tinha outro câncer, que já tinha metástase. Enfim, aconteceu de tudo o que você pode imaginar, eu me separei de um companheiro, foi uma fase muito difícil na minha vida. Já teria sido difícil de qualquer modo, porque todo mundo leva um tempo para se readaptar. E falando com outras pessoas que passaram pela mesma estória, um tempo que é mais ou menos de dezoito meses para você chegar.*

Entrevistada: *E tem uma história dos índios canadenses, que uma amiga minha contava, que eles estavam guiando europeus, no interior do Canadá, e uma hora eles pararam, e eles não podiam continuar, eles tinham que esperar. Os europeus não entendiam como, depois de um dado tempo, como eu tenho que parar? Eles falaram que os europeus eram muito rápidos, andavam muito depressa e a alma deles tinha ficado para trás. Eles tinham que sentar eles ali e esperar a alma deles chegar. Entendeu? A minha, eu acho que demorou dezoito meses para chegar. Bom, então foi difícil, complicado...*

Entrevistada: *E numa certa altura, eu fui convidada para fazer um trabalho que envolve organizar e coordenar um grupo de dirigentes de empresas, os principais dirigentes ou donos. E o projeto é melhorar a vida pessoal e melhorar a empresa. Isso envolve além de organizar uma reunião, o dia inteiro, uma vez por mês, fazer coaching individual, com cada um. Então, hoje eu faço isso, eu faço coaching, não só para esse grupo, eu faço para outras pessoas também, fora desse grupo e o consultório. E essas duas coisas são muito importantes para mim.*

Ao retornar ao Brasil, Isabela se deparou com problemas de saúde dos pais e com a separação de um companheiro. Sua readaptação parece ter sido dificultada por essas questões. A atuação profissional com a Psicologia acabou sendo retardada em função da turbulência do seu retorno.

Em sua atuação com a Psicologia no Brasil, Isabela parece conciliar sua expressiva experiência com as questões do mundo corporativo, facilitando a condução de um trabalho com um grupo de empresários e executivos, que também envolve o *coaching* individual com cada membro desse grupo. E também atua como analista em seu consultório.

Análise do sentido: a trajetória de mudar de carreira (impressões, percepções e sentimentos a partir da compreensão do pesquisador)

Novamente, após a apresentação dos focos de análise, serão desenvolvidas algumas possíveis considerações analíticas. A intenção é que, por meio do desvelamento-revelação de sentidos, seja alcançada uma última compreensão a respeito da mudança de carreira para Isabela.

Isabela, em sua biografia existencial, de forma recorrente, viu-se adiante de rupturas e recomeços. A sua mudança da Espanha para o Brasil, logo em sua infância, parece dar início às significativas transições que empreendeu. Na infância e parte da adolescência, Isabela mostra-se introvertida, apaixonada pela literatura, parece estar em busca de uma confiança não situada na concretude. Isabela parece buscar espaço para a elaboração do seu mundo. O contexto da guerra civil na Espanha parece ter conferido marcas profundas no percurso existencial de seus pais e no seu. Pois sua mãe, ao perder seu noivo na guerra, acabou se aproximando de seu pai, de quem ficou incumbida por zelar, como madrinha.

Em seu contexto familiar, Isabela dá contornos a um pai autoritário, disciplinado para o trabalho, rígido com a esposa e com os filhos, que congrega valores conservadores e tradicionais. Quando fala a respeito de sua mãe, Isabela enfatiza suas virtudes, como a beleza e a inteligência, entretanto, parece muito lhe sensibilizar o “lugar” a que sua mãe teve de se submeter diante de seu casamento. Pois, em razão da postura conservadora do marido, ela não pôde exercer atividade profissional, mesmo que a contragosto. Isabela parece tomar para si, de certa forma, esse ficar-a-dever ou essa culpa, que sua mãe conferiu à sua existência. Pois, já na sua adolescência demonstrava seu desconforto com a posição ocupada pela mãe, vislumbrando para si algo distanciado dessa realidade. A inserção no mercado de trabalho e a busca por sua independência financeira parecia ser o caminho pretendido por Isabela, para fazer

frente à possibilidade de expressar suas potencialidades e de conquistar a sua autonomia.

O ingresso no mercado de trabalho por parte de Isabela foi inusitado, seu irmão, ao ironizar os seus desejos precoces de liberdade, apresenta a Isabela uma possibilidade concreta de iniciar o seu percurso. Mesmo surpreendida, Isabela inicia uma carreira longínqua e bem-sucedida, sem ainda se dar conta. Apesar de contrariada em relação a sua primeira opção no vestibular, que foi a Medicina, Isabela, em sua escolha pelo Direito, parece ainda contribuir para sua momentânea estrutura de sentido.

Isabela decide por não se casar quando percebe uma situação em que o seu percurso existencial poderia estar atrelado a carreira profissional de seu marido. Em sua trama de referências, isso definitivamente não se encaixava, devido à vivência culposa explicitada por sua mãe.

Ao longo de sua trajetória profissional, Isabela pôde vivenciar muitos desafios dentro da instituição financeira em que permaneceu por vinte e cinco anos. Sua conduta profissional, exercida com muito afinco e perseverança, parece sempre ter estado em primeiro plano durante grande parte desse período. Suas potencialidades, sua elevada capacidade intelectual, sua criatividade e até mesmo sua agressividade, dessa forma, encontraram um espaço propício para aflorarem. Suas sucessivas promoções enfatizavam seu alto grau de competitividade e desenvoltura. Quando narra acontecimentos desse seu caminhar, Isabela parece ressaltar a questão da capacidade feminina, perante um território predominantemente masculino e extremamente agressivo. Ou seja, o projeto de Isabela, que parece ter se iniciado a partir da vivência culpada de sua mãe frente às restrições impostas pelo seu marido, parece que, em seu desdobramento, acabou sendo projetado para um sentido mais amplo, em seu modo de ser, nesse momento, que circunscrevia não apenas um questionamento sobre o “lugar” ocupado pela mulher na família, mas, também, no trabalho e na sociedade.

Outro ponto importante a ser pensado, nesse instante, são os outros elementos que mantiveram Isabela conectada ao banco, mesmo que, a partir dos seus trinta e seis anos de idade, ela começasse a questionar sobre a forma como conduziria o resto de sua existência. Aqui, claramente, Isabela se angustia frente a sua finitude, essa angústia parece abrir caminho para examinar outras possibilidades de ser. Parece ter sido, justamente nesse período, o início de sua análise, que concomitante parece tê-la auxiliado para avançar ainda mais na carreira, como também para investigar novos interesses. O sucesso profissional parece ter proporcionado, a Isabela, poder, prestígio

e segurança financeira. Esses atributos parecem ter contribuído para que seu desligamento ocorresse somente após tantos anos. Entretanto, cabe uma discussão em especial, em relação ao fator remuneração. Em sua fala, Isabela destaca a importância da segurança financeira, mas nega sua supremacia, afirmando que, "...não acredita que é preciso ter cinquenta milhões de dólares para ser feliz." Quando é pensada a dimensão existencial de cuidar de ser, também está em pauta esse cuidado atrelado ao prover, ao não faltar recursos, que também pode possuir, no horizonte existencial de Isabela, a partir de suas tramas de significações, ter uma referência relacionada ao contexto de guerra. Ou seja, para Isabela, a segurança financeira pode ter adquirido um significado muito relevante, em função de sua história. Aqui se pretende apontar que não necessariamente essa segurança financeira esteja atrelada a uma ganância desmedida, mas sim, à sua significação associada a um receio de se resguardar ou cuidar de seu ser em seu aspecto mais auto-preservativo, mesmo que num grau aparentemente distorcido.

A partir do que foi exposto até aqui, alguns grandes eixos parecem ter conferido sentido ao seu percurso ao longo de sua profissão como executiva. Uma certa necessidade de reparar o ficar-a-dever de sua mãe, questionando sobre o lugar feminino na sociedade, demonstrando sua capacidade em um posto de destaque numa organização mundial, o prestígio e a segurança financeira. Sua angústia parece ter sido explorada em análise ao longo de alguns anos, novos interesses parecem ter se apresentado, a Psicologia parece ter surgido nessa hermenêutica, que envolveu desconstruções de estruturas de significações, favorecendo novos rearranjos. A escolha pelo Instituto Junguiano de formação de analistas, em Zurique, parece ter ido em direção de fazer uma formação sólida e com alto grau de identificação. A vivência na formação parece ter sido intensa, de muito estudo e exercício da prática clínica. Isabela parece dedicar-se profundamente a tudo o que se propõe. Essa, aliás, é mais uma face da forma como cuida do seu ser, buscando não desperdiçar o seu tempo e vivendo intensamente as suas escolhas. A Psicologia parece lhe abrir caminho para um novo modo de habitar o mundo, e que também parece atribuir sentido à sua existência, pelo objetivo de contribuir para que outros indivíduos reflitam sobre seus caminhos.

Considerações finais

Faz-se necessário, nesse instante, um resgate dos objetivos iniciais desta pesquisa. Sua proposta inicial concentrou-se na análise dos percursos de quatro indivíduos entrevistados, que empreenderam mudanças em suas carreiras profissionais. A peculiaridade na condução de cada trajetória explicita a forma singular como cada Dasein cuida de seu ser, a partir da compreensão da fenomenologia-existencial. Torna-se fundamental apontar que a analítica do sentido apresentada neste trabalho, busca alcançar o sentido existencial dessa mudança a partir do mundo de cada indivíduo. O enfoque, assim, acaba sendo direcionado à forma como cada pessoa vivenciou essa saga. Não há aqui a intenção de estabelecer qualquer tipo de comparação ou julgamento entre as vivências pesquisadas.

Nessa direção, o trabalho analítico buscou tornar visível a trama de significados que cada indivíduo construiu no processo derivado da entrevista realizada. Como já mencionado, esse esforço analítico volta seu olhar, prioritariamente, para a complexa estrutura do cuidar. Assim, aquilo que se cuida (o presente, o projeto, que se aproxima e distancia para os cuidados. Por exemplo: o que se fala) foi levado em consideração. Além disso, o modo pelo qual se cuida desse cuidar (o passado, o que já foi possível, a impropriedade, hábitos, formas culturais, sociais, peculiares, individuais, operacionais. Por exemplo: como se fala de algo) foi observado. E finalmente, o modo como se cuida desse cuidar do cuidar mesmo (o futuro, já-ser-lançado, compreensão do sentido do ser-para-morte, estados de ânimo, sentimentos. Por exemplo: como me sinto no meu ser-aí, na abertura de como se fala e como essa fala se orienta) desfecha a estrutura do cuidar.

Para Regina, da primeira entrevista analisada, algumas questões podem ser destacadas a respeito de sua vivência na mudança de carreira. A escolha da sua primeira graduação, que foi o curso de Administração de Empresas, ocorreu em meio à separação de seus pais, e parece ter sido fortemente influenciada por uma questão que se apresentava na época para sua mãe, que dizia respeito à importância da independência financeira feminina. O curso de Administração de Empresas aparentava ir ao encontro desse objetivo. Regina parecia estar submetida a certa impropriedade nessa escolha, não possuindo ainda clareza sobre seus interesses genuínos. A sua vivência profissional posterior, na empresa em que trabalhou por oito anos, ressaltou uma Regina engajada e extremamente comprometida com os objetivos da organização.

Nesse período, Regina, na medida em que se identificou profundamente com a filosofia da empresa, destacou-se e atingiu um grau de desenvolvimento profissional muito precoce. O sucesso profissional e a expressiva remuneração que recebia podem ter conferido sentido ao seu exercício profissional, passando da queda ou impropriedade inicial, a uma vivência autêntica subsequente. Entretanto, nos últimos anos, com o crescimento da empresa e muitas mudanças, Regina parece se angustiar, passando a questionar a sua prática profissional e se prontifica a investigar novas possibilidades. Esse seu modo de cuidar do seu ser, que se projeta para o futuro, busca alcançar, por meio de novas escolhas, um sentido renovado para o seu existir. A morte do seu avô materno, patriarca da família e detentor de valores morais, parece autorizar Regina tanto na ruptura com o seu casamento quanto na facilitação de sua abertura a novas possibilidades. Surge, dessa forma, a Psicologia. Durante o curso de Psicologia, Regina vivencia uma angústia profunda que parece destituí-la de um “lugar profissional”, Regina parece vivenciar um não-ser e passa a se situar novamente somente a partir do exercício da prática da Psicologia.

Em relação a Lúcio, da segunda entrevista analisada, alguns pontos relevantes podem ser discutidos. Lúcio, aos doze anos de idade, já manifestava interesse pelo curso de Psicologia. Devido às condições financeiras desprivilegiadas da família, havia na fala de seus pais uma valorização pelas profissões cristalizadas com status de prestígio, que, teoricamente, poderiam proporcionar melhores condições financeiras aos dois filhos da família. Na medida em que Lúcio escolhe o curso de Engenharia de Alimentos, ele parece passar a vivenciar uma culpa existencial, pois fica devedor frente à sua existência. Um ano após a conclusão da sua primeira graduação, Lúcio, nesse momento, já atuando profissionalmente como engenheiro, ingressa no curso de Psicologia noturno. Ao longo de praticamente treze anos de exercício profissional, como engenheiro, Lúcio atuou em várias organizações e conseguiu atingir o patamar de executivo. Entretanto, sua vivência profissional parece ter sido angustiante, devido ao fato de não se identificar com o competitivo ambiente corporativo. A sua angústia o atinge, especialmente ao dizer a respeito do conflito entre seu ser-para-a-morte, que sinaliza a Lúcio o tempo restrito de sua existência frente à necessidade de ter-que-ser. Nesse período, parece estar presente em seu vivenciar, certa impropriedade, porém, fundamentada pela possibilidade futura, de dedicar-se exclusivamente à Psicologia. Ao atingir um patamar financeiro considerado razoável, Lúcio empreende uma tentativa de dedicar-se integralmente a Psicologia clínica. Após doze anos atuando como clínico,

com efetivo sucesso, sua fala e o seu olhar parecem expressar o caráter libertador de sua mudança.

Para Paulo, da terceira entrevista analisada, algumas questões importantes são apresentadas na abertura de sua existência. Ao falar sobre sua relação com seu pai, parece surgir um embate profundo que atravessa sua biografia existencial. A família tradicional de seu pai, também registra marcas em sua trama de significações, provocando sentimentos de repulsa. A sua primeira escolha no vestibular foi pelo curso de Medicina, muito influenciado pelo pai, que parece buscar a continuação dos seus projetos a partir do filho. Após, ser sistematicamente reprovado em diferentes vestibulares para Medicina, Paulo, busca distanciar-se do pai para decidir sobre novas possibilidades. Entretanto, esse processo parece ser vivenciado de forma extremamente angustiante para Paulo, pois ao não mais se ver frente ao destino certo atribuído pelo pai, Paulo parece sentir o peso de decidir sozinho. A angústia vivenciada por Paulo parece causar-lhe estreitamento frente às inúmeras possibilidades que a vida apresenta. A decisão pelo curso de Administração de Empresas parece ter ocorrido em meio a impropriedade, deixando clara sua indecisão. A trajetória profissional de Paulo destaca aspectos interessantes e demonstra a expressão de diversas potencialidades. Paulo parece apresentar um movimento que demonstra suas capacidades intelectuais, a partir de um embate em que fica exposto um questionamento sobre seu potencial. Seu percurso profissional é entrecortado por rupturas com as empresas em que atuou e viagens reflexivas. Paulo parece angustiar-se diante de sua carreira em organizações, buscando uma alternativa na Gastronomia, mas parece ter encontrado um sentido na Psicologia. A atuação profissional na Psicologia parece fornecer, a Paulo, a possibilidade de um “fazer” no qual ele se identifica, porém, deixando caracterizado um modo de ser que oscila entre conquistas e rupturas.

Isabela, da quarta entrevista analisada, apresenta, em sua trajetória, diversos aspectos que podem ser explorados. Seu nascimento ocorreu na Espanha e, em sua infância, mudou-se para o Brasil. A guerra civil espanhola atravessa as biografias existenciais de seus pais e a sua. O autoritarismo e a rigidez de seu pai impedem sua mãe de exercer uma atividade profissional, promovendo uma culpa existencial em sua mãe, um ficar-a-dever, em razão de possuir alta capacidade intelectual e interesse por empreender um negócio. A mãe de Isabela parece sensibilizá-la com sua culpa, mesmo que de forma ambígua, mobilizando-a na direção de um destino menos restritivo. Isabela, ainda adolescente, demonstra, em sua fala, grande interesse em tornar-se

independente financeiramente para conquistar sua autonomia. Aos dezoito anos de idade, ingressa na instituição financeira em que permaneceria por vinte e cinco anos, por intermédio de seu irmão. Seu interesse inicial no vestibular era prestar Medicina, na cidade de São Paulo; entretanto, seu pai não autorizou. A decisão por cursar Direito não parece ter sido vivenciada como um pesar em sua existência, e, mais adiante, parece ter favorecido sua estrutura de sentido. Ao deparar-se com, a possibilidade de um casamento aos moldes de seu pai, em que ela poderia ficar atrelada à carreira de um homem, Isabela decide por romper com essa relação. Seu percurso profissional parece ilustrar uma carreira bem-sucedida, ao atingir elevados postos de comando que lhe forneceu a possibilidade de expressar sua capacidade intelectual, seu engajamento e sua competitividade. Isabela parece vivenciar, em grande parte de sua carreira profissional e regida por uma estrutura de sentido que se articula com culpa existencial de sua mãe, com o prestígio e com a relevância que a segurança financeira adquire para ela. Em torno dos seus trinta e cinco anos, Isabela parece entrar em contato com uma angústia que reivindica pela investigação de novos interesses em sua existência. Seu processo de análise parece fornecer uma abertura para a exploração de sua angústia, favorecendo o surgimento da Psicologia. Isabela tenta uma primeira aproximação com a Psicologia, cursando a graduação em período noturno e conciliando com seu trabalho. No entanto, nesse primeiro momento, acaba prevalecendo sua carreira executiva. Apenas muitos anos depois, vivendo na Europa, Isabela parece chegar ao limite da sua angústia, decidindo, finalmente cursar a formação em Psicologia Analítica em Zurique, na Suíça. Isabela parece esboçar movimentações em sua carreira frente à sua angústia, no entanto, sua completa adesão a esse chamamento de mudança em sua carreira somente pôde ocorrer quando a estrutura de sentido, tecida ao longo de sua carreira, foi completamente rompida. Isabela parece cuidar do seu ser ao permanecer buscando sua segurança financeira e, somente cedendo à solicitação de mudança, quando não mais havia escolha frente a essa determinação.

A vivência em uma determinada graduação e o conseqüente exercício profissional podem despertar, no ser humano, sentimentos profundos de satisfação ou insatisfação. Quando emerge a angústia psicológica relacionada a esse tema, pode ser um convite a esse Dasein examinar o seu atual modo de ser. Portanto, a aproximação dos fenômenos da angústia e da culpa, pode lançar esse Dasein a questionamentos existenciais, que podem vir a romper com a estrutura de sentido, tecida até o momento. Essa crise existencial pode exigir um exame sobre os genuínos interesses e aptidões,

que o indivíduo possui. Essa angústia pode impulsionar esse Dasein a decidir por romper com o que não lhe faz mais sentido, pois o seu ser-para-a-morte ou a sua finitude pode pressionar um posicionamento imediato, frente a esse impasse. Em razão disso, na condição humana de ter-que-ser continuamente, pode não haver tempo suficiente para esse Dasein, conferir um sentido renovado à sua existência. Por isso, ao explorar exaustivamente sua angústia e sua culpa, esse Dasein pode ver-se frente a uma nova possibilidade, que se apresenta e que pode ser a mudança de carreira. Para HEIDEGGER (2008, p. 6), “Toda e qualquer decisão relativa à existência é uma irrupção no futuro do Dasein.”

Como foi discutido no segundo capítulo, é da condição humana certo afastamento do ser de cada Dasein, pois a tarefa de cada ser humano de questionar o seu ser e de dar conta deste, torna-se uma tarefa árdua, impactante e angustiante. Esse afastamento denomina-se queda ou impropriedade, segundo HEIDEGGER (1993). Entretanto, a sociedade contemporânea parece contribuir para que os indivíduos sejam estimulados a estarem excessivamente imersos na impropriedade, na qual os sujeitos se distanciam largamente do seu ser, implicando na isenção de expressão de opiniões e decisões próprias. Esse movimento, no qual se ressalta modos de ser-no-mundo, apenas assegura que o eu não é mais ele mesmo, e as suas possibilidades não são mais as suas. O Dasein pode passar a se desconectar de seus reais interesses profissionais e, assim, reger seu percurso, pautado em possibilidades de ser cristalizadas e valorizadas pela sociedade. Esse cenário, portanto, na medida em que contribui para afastar o homem de sua essência, parece favorecer uma homogeneização do ser humano, dificultando assim a livre expressão de cada Dasein na manifestação de seus desejos mais autênticos.

Dessa forma, a decisão pelo lançamento em uma mudança de carreira pode se encontrar revestida por sentimentos de menos valia, pelo fato de a sociedade que tender a discriminar movimentos que rompem com o usual e que privilegiam o ser em detrimento do ter. Ainda nessa direção, a escolha por um curso de graduação, nessa mudança de carreira, que não siga necessariamente essa lógica do ter, como o curso de Psicologia, que é o foco desta pesquisa, tende a conferir a essa mudança, um significado depreciativo. No entanto, a seguir, o autor central deste trabalho discorre sobre vocação profissional:

Por vocação profissional não entendemos, contudo, a posição social exterior e mesmo a sua alocação em uma classe social determinada e quiçá elevada. Por vocação profissional compreendemos a tarefa interna que o ser-aí reserva para si no todo e no essencial de sua existência. O efeito histórico e fático da vocação profissional carece sempre de uma posição social exterior. No entanto, esta posição continua tendo, em primeira e última escalas, um sentido secundário. (HEIDEGGER, 2008, p. 7)

Torna-se valioso, neste instante, discutir sobre maneiras diferentes de lidar com a questão profissional. Pois, para muitos indivíduos, a profissão não recebe um espaço privilegiado em suas existências. A forma como cada Dasein compõe sua trama de referências em seu ser-no-mundo e, em última instância, em seu ser-com-os-outros, é que determinará o “lugar” que a profissão irá ocupar. Ao habitar o mundo, o homem coloniza, ambientando-se a partir do contato com os entes e de sua familiarização. Para SODELLI (2006, p. 71): “O ser das coisas está no lidar dos homens com elas e no falar; está numa trama de significações que os homens vão tecendo entre si mesmos e por meio da qual vão se referindo e lidando com as coisas”. Esse lidar ou a forma como o homem compreende, ocorre intermediada pela disposição afetiva, para HEIDEGGER (1993, p.192) “na disposição subsiste existencialmente um liame de abertura com o mundo, a partir do qual algo que toca pode vir ao encontro”. Esse modo peculiar de existir, no qual se abrem, a todo instante, infinitas possibilidades de ser, pode eleger ou não a profissão como um interesse central de investimento numa determinada existência. Algumas pessoas atribuem à profissão o status apenas de um meio de subsistência, no qual seu grau de engajamento é estritamente pontual. Os interesses e prazeres da vida passam a estar localizados, exclusivamente, em entretenimentos situados fora do ambiente profissional. Essa escolha dos modos de ser se dá por meio de uma ponderação temática do pensamento, entretanto, de acordo com SODELLI (2006), para Heidegger, não se deve confundir a abertura do ser-no-mundo no estado emocional com o que o Dasein conhece, sabe e acredita sobre si mesmo. A abertura dos estados de humor possibilita e desenvolve o que o Dasein representa, por meio da emoção, sem que necessariamente tenha um movimento de consciência. Grande parte das pessoas apresenta a compreensão dos estados afetivos por meio do velamento, ou seja, daquilo que ainda não foi intelectualmente compreendido. Dessa forma, os modos de ser relacionados ao âmbito profissional podem trazer contornos singulares a cada existência. Segundo SODELLI (2006),

O modo de cuidar do modo de cuidar do que se tomou sob cuidados é o que nos leva mais propriamente ao âmbito do sentido. Esse sentido deve ser entendido como um rumo que apela, em outras palavras, a uma destinação, em que se abre a possibilidade de se cuidar de ser, dando-se conta de ser numa certa direção e não em outra. (p. 72)

A decisão por iniciar um processo de mudança de carreira no qual se deixa de lado todo um investimento num curso de graduação e, em seguida, no seu respectivo exercício profissional, está longe de ser uma tarefa simples. As agruras pelas quais esse Dasein poderá estar submetido são imprevisíveis. Toda grande mudança implica num certo descentramento, quando o Dasein opta por romper com um determinado modo de ser que, em geral, já está familiarizado, e deverá ao abdicar desse território “seguro”, ingressar no completo desconhecido. Por isso, esse caminho poderá ser vivenciado de forma angustiante, em que o Dasein pode almejar pelo desvelamento do seu futuro de forma apressada, tentando queimar etapas, buscando visualizar-se no final dessa empreitada. Conforme o Dasein vivencia esse processo, poderá ser válida a ajuda psicológica, caso sua ansiedade paralise seu caminhar. Pois, essa ajuda poderá favorecer uma reflexão hermenêutica, que facilite uma recomposição das tramas de significações constituídas até então. Muitas vezes, dificuldades de ordem concreta, também estarão presentes. A questão financeira pode se apresentar como um elemento significativo nessa trajetória, contribuindo para alarmar o Dasein muitas vezes de forma aviltante, pois ao desprender-se da primeira carreira, esse Dasein poderá ter a necessidade de reduzir o seu padrão de consumo para viabilizar a transição. Exatamente por isso, um planejamento prévio poderá ser fundamental num processo de mudança de carreira. Evidentemente, a imprevisibilidade da existência impõe ao Dasein um desafio ainda maior, entretanto, por menor que seja o planejamento financeiro, antes de se iniciar uma transição da carreira, esse poderá trazer benefícios tangíveis em favor da continuidade do percurso.

Apesar dos enormes desafios que envolvem uma mudança de carreira quando o homem é reivindicado para orquestrar um sentido maior em sua existência, quando é tocado pelos fenômenos que solicitam pela mudança requisitando sua atenção, na sua maior parte das vezes, ele tende a seguir esse chamamento, pois essa convocação que se revela em seu horizonte existencial, pode não lhe permitir isentar-se dessa adesão. De acordo com outro autor, seguidor das ideias da fenomenologia existencial,

Por isso, ainda hoje, tudo que é perceptível é chamado de fenômeno: uma palavra que deriva do grego phainesthal, e que significa nada mais do que aquilo-que-se-mostra. Mas onde algo pode revelar-se, pode aparecer, pode mostrar-se, e pode fazer-se compreender, é preciso, desde o início, que haja uma luz, uma claridade, um âmbito de claridade dentro do qual pode acontecer um semelhante revelar, aparecer e poder-ser. Por isso nossa experiência mais original e concreta nos permite entender que a condição básica do ser humano é que nem uma clareira, da qual os fenômenos de nosso mundo necessitam para poder aparecer e ser dentro dela. Em outras palavras, de acordo com nossa percepção imediata, o ser humano se mostra como sendo aquele ser, do qual o nosso mundo precisa, como o âmbito de claridade necessário para poder-aparecer, para poder-ser. Justamente é este deixar-se-necessitar, e nada mais, que o ser humano “deve” àquilo que É e que há de ser. (BOSS, 1977, p. 39)

Um estado de paixão pode envolver esse Dasein, que não passará mais a medir esforços, frente a sua missão. Esse estar apaixonado pode configurar uma nova pele que abriga e protege sua existência. Será a partir dessa arquitetura existencial que compõe um novo modo de habitar o mundo, regido pelo seu sentido, que irá nutrir o Dasein para retirar forças para transpor todos os obstáculos. O engajamento desse ser humano, frente à vida, poderá até mesmo surpreendê-lo, diante das potencialidades que possui. Quando a mudança de carreira ocorre envolvida por esse sentimento, ela tende a sinalizar uma aproximação com sua essência. Entretanto, o caráter libertador dessa transição pode não estar situado na mudança de carreira em si, pois, na medida em que revela ao Dasein, uma nova possibilidade de conferir sentido à sua existência pode ocultar outras tantas. Esse percurso pode ser caracterizado como libertador, talvez, pela compreensão de seu processo, ao desvelar a face inapreensível da existência, o seu assentamento no nada, distanciado dos contornos de uma mônada fechada, e que cabe a cada Dasein trabalhar permanentemente na elaboração do sentido de sua existência.

Referência bibliográfica

BAUMAN, Z. *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.

BOSS, M. *Angústia, Culpa e Libertação*. São Paulo, Duas Cidades, 1977.

CRITELLI, D. M. *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.

HEIDEGGER, M. *Introdução a Filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

_____. *Que é metafísica?* São Paulo, Duas Cidades, 1969.

_____. *Ser e o Tempo*. 4ª edição. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1993.

REHFELD, A. *À Angústia*. Edição revisada de capítulo publicado em DICHTCHEKENIAN, Maria Fernanda (org.) *Vida e Morte: Ensaios Fenomenológicos*. São Paulo: Editora C.I, 1988.

SODELLI, M. *Aproximando sentidos: Formação de Professores, Educação, Drogas e Ações Redutoras de Vulnerabilidade*. São Paulo, 2006. 250 p. Dissertação (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica.

SZYMANSKI, H. *Entrevista Reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa*. In SZYMANSKI, H. (Org.); ALMEIDA, L. R.; PRANDINI, R. C. A. R. *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Líber Livro Editora, p.9-58, 2004.